

JOSÉ FRANCISCO MEIRINHOS  
*Faculdade de Letras — Universidade do Porto*

**S. António de Lisboa, escritor.  
A tradição dos *Sermones*:  
manuscritos, edições e textos espúrios\***

Fernando Martins (Fernandus Martini) nasceu em Lisboa por volta de 1190 e morreu em Pádua em 13 de Junho de 1231. Desde 1211 ou 1212 Fernando era cónego regente de Santo Agostinho no prestigiado e rico convento de Santa Cruz de Coimbra, onde se dedicava ao estudo mas com alguma decepção pelo estilo de vida opulento e despreocupado da comunidade crúzia. Com a viva impressão provocada pela chegada a Coimbra em 1220 dos restos mortais de cinco frades franciscanos martirizados no norte de África, Fernando descobre uma nova vocação religiosa que o leva a ingressar nesse mesmo ano na ordem dos Frades Menores de S. Francisco de Assis, para de um modo despojado se entregar à missionação e talvez procurar também o martírio em terras muçulmanas. No momento da profissão religiosa nos franciscanos escolheu para si mesmo, ou foi-lhe dado, o nome de António ou Antão (Antonius), em homenagem ao santo eremita do deserto patrono da pequena Igreja de Coimbra onde, desde pouco antes, se havia instalado a primeira comunidade de franciscanos na cidade. Estes factos são narrados e interpretados pelas diversas fontes hagiográficas (*Vita Prima V*, *Raymundina IV*,

---

\* Este texto faz parte de um trabalho mais vasto em torno de António de Lisboa/Pádua, desenvolvido pelos membros do Gabinete de Filosofia Medieval em 1995, ano comemorativo do oitavo centenário do nascimento do santo. Para efeitos de publicação foi completado e actualizado.

*Rigaldina* III 3-4, Vida do “*Dialogus*” III 11-12, *Benignitas* III-IV<sup>1</sup>) e encontram-se também abreviados num dos raros testemunhos portugueses sobre António, onde é claramente referido com o seu nome de baptismo: Fernando Martins. Trata-se de um breve capítulo, com o título «De beato Antonio», que se encontra a seguir a umas antífonas e orações, após o final da *Legenda Martyrum Morochi* do manuscrito 29 do fundo de Santa Cruz de Coimbra, do século XV, e que poderá ter sido redigido com base nas fontes hagiográficas ou em alguma tradição oral. O texto restitui-nos o nome de baptismo de António: Fernandus Martini ou Fernando Martins, ou *filho de Martinho* (o que faz parecer fantasioso o nome Bulhões que algumas tradições tardias atribuem à sua família). A descrição da sua personalidade e a insistência no momento da “conversão” franciscana são os outros elementos mais salientes desse texto:

«Illo denique die, quando omnia ista fiebant, inter alios regulares canonicos eiusdem sancte crucis conuentus affuit et tunc beatus presbiter antonius, de ordine fratrum minorum, qui existens canonicus tunc in eodem conuentu fernandus martini uulgariter nuncupabatur, uir utique famosus, deuotus et pius, magna licteratura ornatus, gloria meritorum stipatus, qui uisis et auditis in presenciarum martirum gestis, ad maiora incrementa uirtutum ex inde gressus suos direxit in melius postmodum optime commutandos<sup>2</sup>.»

<sup>1</sup> O P.<sup>o</sup> Vergilio Gamboso tem em curso de publicação as “Fonti agiografiche antoniane” em novas edições críticas, previstas em 8 volumes, de que já saíram 4: *Vita Prima di S. Antonio o «Assidua»* (c. 1232), Ed. Messaggero, Padova 1981; *Vita del «Dialogus» e «Benignitas»*, Messaggero, Padova 1986; *Vite «Raymundina» e «Rigaldina»*, Messaggero, Padova 1992; *Liber miraculorum e altri testi medievali*, Mess., Padova 1997. Ver também: GAMBOSO, Vergilio: «La “Sancti Antonii confessoris de Padua Vita” di Sicco Ricci Polentone», *Il Santo* 11 (1971) 199-283. Outras edições em: ABATE, Giuseppe: «Le fonti biografiche antoniane», *Il Santo* 8 (1968) 127-226 [Vita Prima]; 9 (1969) 149-189 [Ufficio ritmico e Vita da Giuliano da Spira], 305-324 [Vita del “Dialogus”]; 10 (1970) 3-77 [Raymundina e Rigaldina], 223-272 [frag. da Benignitas e Vita S. Antonii editada por Saurio]. As citações serão feitas pela divisão do texto nas novas edições críticas de V. Gamboso. Para a tradução portuguesa de algumas destas vidas, ver abaixo n. 55.

<sup>2</sup> Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, ms Geral 52 / S. Cruz 29, f. 43vb. A inserção do capítulo sobre santo António fora do fio narrativo parece indicar que se trata de um acrescento posterior à composição da *Lenda*, que ocorreu na segunda metade do século XV. A própria autoria desta versão da lenda dos cinco mártires de Marrocos, atribuída a Francisco de Sevilha, é problemática. Lê-se no *colophon* que «Frater Franciscus Yspalensis scripsit legendam» em 1476 por diligência de frei Iohannes de

Após o ingresso nos franciscanos viaja para o Norte de África no final de 1220, mas a prostração pela doença, fazendo gorar os seus planos de evangelização, obriga-o a regressar logo no início de 1221. Segundo os relatos hagiográficos, uma tempestade desvia o barco para a Sicília, dando assim início ao périplo itálico do erudito frade português, que viria a pregar ao povo no centro-norte da Península e no sul de França, contra heresias que aí se difundiam. Como tantos outros intelectuais e homens de igreja da Idade Média, António é um nómada. Num itinerário de reconstrução labiríntica, ao longo dos seus últimos dez anos, em que se concentra precisamente a vida pública de António, encontramos-lo em locais como Messina, Assis, Bolonha, Forlívio, Montpellier, Toulouse, Le-Puy, Bourges, Arles, Bolonha, Vercelli, Assis, Roma, Pádua, Camposanpiero e Arcela, onde morre. É nestes irrequietos 10 anos, passados entre a missão e o ensino, que compõe ou conclui a sua obra escrita, que de um modo mais rigoroso podemos situar nos últimos quatro ou cinco anos da sua vida<sup>3</sup>. A obra e a figura de António deixaram indelével marca na história religiosa e do pensamento, particularmente no âmbito da chamada “escola franciscana”, da qual tem sido consi-

---

Povoa, então provincial dos Franciscanos em Portugal (cf. f. 45ra). Contudo, estas duas anotações (atribuição e data) encontram-se escritas por diferentes mãos, ambas diferentes da que escreveu o texto da *Legenda dos Mártires de Marrocos* que se encontra nos ff. 26ra-45ra do referido manuscrito e foi publicada por Alexandre Herculano nos *Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores* vol. I, Lisboa 1856, pp. 105a-113a, onde também se lê o capítulo sobre António na p. 102b. Ver a minha conjectura e descrição deste manuscrito em *Catálogo dos códices da Livraria de mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*, coord. A.A. NASCIMENTO — J.F. MEIRINHOS, Ed. da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto 1997, pp. 158-164. Note-se que no códice 30 de Santa Cruz (Porto, BPMP, Geral 469, ff. 141rb-va) está transcrita a «Littera canonizacionis beati Antonii paduani ordinis minorum» de Gregório IX, aproveitando um espaço que estava em branco do final desse códice, cfr. *Catálogo dos códices...*, p. 167.

<sup>3</sup> A biografia intelectual de António encontra-se esboçada em múltiplas obras. É indispensável a obra: CAEIRO, Francisco da Gama, *Santo António de Lisboa*, vol. I: *Introdução ao estudo da obra Antoniana*, ed. do A., Lisboa 1967 (re-ed. INCM, Lisboa 1995), ver também a «Introdução» a *Santo António de Lisboa*, Introd. e selecção de textos de F.G. CAEIRO, Ed. Verbo, Lisboa 1990, e os três estudos da parte I da obra de PACHECO, Maria Cândida Monteiro, *Santo António de Lisboa. Da Ciência da Escritura ao Livro da Natureza*, (Temas portugueses) IN-CM, Lisboa 1997, pp. 11-68.

derado fundador. Apreciado e celebrado como taumaturgo, pregador inspirado e homem piedoso, fora dos círculos académicos ou franciscanos a sua face de teólogo e de escritor é geralmente ignorada, certamente porque este é um aspecto irrelevante na hagiografia e na religiosidade popular, embora as fontes hagiográficas evidenciam bem o talhe de escritor de António.

A leitura dos *Sermões* antonianos, onde faltam os traços da pregação popular que o celebrizou, mostram-nos sobretudo um exegeta moralizador e um autor ágil e abundante em recursos literários. A sua influência como escritor e teólogo, devemos reconhecê-lo desde já, foi limitada, pelo menos até à primeira edição impressa dos sermões, dada aos prelos em Paris em 1520. Até aí, portanto durante cerca de trezentos anos, os *Sermões* foram objecto de uma certa difusão manuscrita, mas numa área geográfica restrita e dentro de uma rede de conventos franciscanos que tem Pádua no seu centro, a partir de onde começaram a ser copiados. É após a primeira impressão dos sermões que surge também uma constelação de textos apócrifos atribuídos ao franciscano português.

Este contributo ocupar-se-á precisamente destes temas, procurando: I) sistematizar as informações sobre a fixação do *corpus* escrito antoniano, sua difusão manuscrita e impressa, II) retomar a discussão sobre a atribuição errada de obras e sobre a literatura apócrifa, que se multiplicou a partir das primeiras edições impressas dos *Sermões*.

## I. As obras de António

As fontes antigas e os principais apógrafos não deixam dúvidas quanto à autenticidade antoniana dos *Sermones*, hoje disponíveis numa excelente edição crítica, cujo prefácio clarifica com mestria e erudição os aspectos relacionados com a autoria, a difusão e a natureza do sermonário<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> *S. Antonii Patavini, O. Min., Doctoris Evangelici, Sermones dominicales et festivi, ad fidem codicum recogniti*, curantibus Beniamino COSTA, Leonardo FRASSON, Ioanne LUISETTO, coadiuvante Paolo MARANGON, 3 vol., Edizioni Messagero, Padova 1979. Uma nota na p. X informa-nos que a «Introductio» (pp. XI-CXXX) é obra de Beniamino Costa, excepto os cap. III (descrição dos códices, pp. LXIII-CI) e V (*Stemma codicum* e critérios de edição, pp. CXI-CXXVII), escritos por Paolo Marangon.

Falta ainda um estudo que estabeleça de modo fundamentado e definitivo uma cronologia dos *Sermões*, mas é praticamente inquestionável que foram compostos nos últimos anos de vida de António. Apesar das diversas vias já ensaiadas, não tem sido possível determinar com total exactidão os momentos e locais de redacção de cada sermão ou das partes que os compõem, partes essas que em alguns casos têm a estrutura e as referências próprias de um sermão completo. A obra que possuímos não é seguramente o texto dos sermões arrebatados que António pregava ao povo ou aos clérigos de todas as dignidades, que acorriam a escutá-lo e que justificaram os apodos de *arca do testamento* e *martelo dos hereges*. São sim o resultado de um trabalho de demorada redacção, elaborada e cuidada em todos os pormenores, apesar de aqui e ali parecer que lhes falta ainda uma revisão final de autor que os harmonizasse com o método hermenêutico da quadriga enunciado no Prólogo (§ 5). A redacção dos Sermões está seguramente associada às funções que António foi desempenhando por incumbência da ordem franciscana, então nas suas origens. Francisco de Assis, o fundador da ordem que em muitos momentos desconfiou da vanglória da cultura erudita e do ensino, confiou a António a tarefa de ensinar teologia aos frades. É célebre o bilhete que sobreviveu entre as cartas de Francisco:

«A frei António, meu bispo, saudações.

Agrada-me que ensines a Sagrada Teologia aos frades, contanto que por tal estudo não extingas o espírito da oração e devoção, como está contido na Regra.<sup>5</sup>»

<sup>5</sup> Edição bilingue latim-francês: FRANÇOIS D'ASSIS, *Écrits* (Sources chrétiennes 285) Ed. du Cerf, Paris 1981, p. 268; a trad. citada é de H.P. REMA, «Introdução» a SANTO ANTONIO DE LISBOA, *Obras Completas*, p. XXVI (cfr. infra n. 54). O sentido, autenticidade e versões desta carta foram discutidos por T. LOMBARDI, «Sant'Antonio di Padova maestro di teologia a Bologna. Il problema degli studi agli inizi dell'Ordine francescano», in A. POPPI (cura) *Le fonti e la teologia dei sermoni antoniani*, (Centro studi antoniani, 5) Ed. Messaggero, Padova 1982, pp. 797-819, cfr. pp. 811-813. Deve ter-se em conta que o termo "bispo/episcopus", usado por Francisco, tem o significado próprio de «visitador, pregador itinerante, coadjutor dos pastores e mestres do povo de Deus», (H.P. REMA, «Introdução», *Obras Completas*, p. XXVI, n. 41, remetendo para E. FRANCESCHINI, «L'aspetto letterario dei *Sermones* di Antonio di Padova», in *Il Santo*, 3, 1963, p. 157).

As fontes franciscanas atestam que António foi o primeiro que exerceu o ensino “escolástico” na ordem (*Raymundina* IX 7, *Benignitas* XIII 2). É certamente neste contexto de ensino da teologia bíblica e, portanto, com uma finalidade escolar e erudita, que a ideia de redigir os sermões terá sido proposta a António pelos seus confrades. As suas próprias palavras no início do prefácio geral dos *Sermões dominicais* não deixam margem para dúvidas:

«Fi-lo [i.e., concordar os textos compilando] com medo e pudor, porque me sentia insuficiente para tamanha e inoportável responsabilidade; venceram-me, porém, *os pedidos e o amor dos confrades, que a tal empresa me compelião*<sup>6</sup>.»

A identificação dos seus confrades como auditório primeiro é confirmada pelas palavras do Epílogo dos *Sermões Dominicais*:

«Eia, portanto, irmãos caríssimos, eu, o mínimo de todos vós, vosso irmão e servo, para vossa consolação, edificação dos fiéis e remissão dos meus pecados, compus como soube, esta obra dos Evangelhos pelo curso do ano<sup>7</sup>.»

Segundo o testemunho da *Vita prima* e de outras que a repetem, os *Sermões festivos* terão sido compostos a solicitação do cardeal-bispo de Óstia, cardeal Rinaldo da Jenne<sup>8</sup>, o que tem levado a situar essa redacção no último ano de vida de António.

O contexto sociológico de António pode explicar a leitura predominantemente moral e moralizante da Bíblia que encontramos nos *Sermões*.

---

<sup>6</sup> S. Antonii, *Sermones*, op. cit., Prol. § 5, vol. I p. 3, l. 30-31 (cito a trad. de H.P. Rema, vol. I, p. 5b); itálico meu, que corresponde a uma reminiscência de Pedro Lombardo, *Sentenças*, prólogo § 5, o que não parece retirar-lhe valor factual.

<sup>7</sup> S. Antonii, *Sermones*, op. cit., Epil., vol. II, p. 605, l. 7-11 (cito a trad. de H.P. Rema, S. ANTONIO, *Obras Completas*, vol. II, p. 613b)

<sup>8</sup> *Vita prima* XI 4: «... et, ad preces domini Ostiensis, in festivitibus sanctorum per anni circulum *Sermonum* compositioni se contulit»; *Vita secunda* VI 3 «... ad instantiam domini Ostiensis episcopi festivos etiam sanctorum Sermones, prefato operi connexus, explere hoc in eadem potissimum civitate disposuit»; *Vita Raymundina* IX 4: «ad preces domini Ostiensis pro sanctorum sollempnitibus annuis convenientibus Sermonibus se ibi contulit disponendis»; *Vita Rigaldina* VIII 10: «... ad preces domini Hostiensis Sermones sanctorales compilare deberet...».

Podem, de facto, ser encaradas como uma suma moral, em injunção permanente a uma vida virtuosa com um padrão de conduta orientado para a salvação, mas uma suma estruturada pelo quotidiano litúrgico (que fornece as leituras interpretadas) e não uma suma racionalizada, estruturada por questões, disputas e soluções. Para além disso, os *Sermões* são sobretudo um exercício prático da arte de pregar, estruturalmente fundado na exegese bíblica e no uso combinatório das leituras dominicais.

Na composição desta obra cuidada e eivada de erudição literária, António usou certamente os instrumentos de trabalho que um pregador e um mestre de um *Studium* incipiente teria à sua disposição, com as limitações próprias de uma ordem que não tinha tradição de ensino formal e ainda se encontraria desprovida de bibliotecas actualizadas. Ganha por isso particular relevo biográfico a referência lendária à ampla memória de António, que de algum modo lhe permitia também suprir as inevitáveis carências no acesso directo aos textos. Mas, é também possível que nos *Sermões* sejam utilizados materiais coligidos desde o período da sua formação intelectual em Coimbra, o que permitiria também explicar a avassaladora presença de temas e textos patrísticos e a ausência de referências à própria ordem franciscana e às suas marcadas orientações doutrinárias<sup>9</sup>. Na sequência das teses de Francisco da Gama Caeiro, mas partindo de elementos doutrinários internos aos sermões, Raoul Manselli, outro eminente antonianista, iria mais longe quando afirmou: «ritengo di poter concludere, senza mezzi termini, che questi sermones sono stati scritti in Portogallo, dal teologo e canonico de Coimbra<sup>10</sup>». Não se poderia ser mais claro, mas esta hipótese não deixa de colocar os seus próprios problemas. O uso nos sermões de textos que eram de todo inacessíveis em

<sup>9</sup> Esta é a hipótese em torno da qual Francisco da Gama Caeiro desenvolveu uma longa série de estudos, cfr. a sua obra magna já citada, *Santo António de Lisboa*, vol. I: *Introdução ao estudo da obra Antoniana...*, bem como os trabalhos dispersos reunidos no final do vol. II da respectiva reed. da INCM. Ver também FRIAS, Agostinho Figueiredo: *Lettura ermeneutica dei "Sermones" di Sant'Antonio di Padova. Introduzione alle radici culturali del pensiero antoniano*, trad. de J. Serra, Centro studi antoniani, Padova 1995, também publicado em *Il Santo* 35 (1995) pp. 275-458.

<sup>10</sup> MANSELLI, Raoul: «La coscienza minoritica di Antonio di Padova di fronte all'Europa del suo tempo», in A. POPPI (cura) *Le fonti e la teologia dei sermoni antoniani*, op. cit., pp. 29-35, cit. p. 32.

Santa Cruz (v.g. o *De animalibus* de Aristóteles que é traduzido para latim por volta do último ano da presença de António em Portugal), se não invalida esta tese pelo menos limita-a, obrigando a supor que a revisão e a redacção finais foram já realizados em contexto italo-franco, com a introdução de novos elementos textuais que teriam obrigado a alterar com profundidade a fisionomia desses hipotéticos antigos esboços.

## 1.2. O *corpus* literário antoniano

A autoria antoniana dos *Sermões* é inquestionável, podendo aduzir-se uma série de indícios independentes entre si: 1) desde logo, a composição dos *Sermões* é atestada por autores dos séculos XIII, XIV e XV e todos os testemunhos coincidem quanto à autoria antoniana, entre estes incluem-se Bartolomeu de Tridento e Rogério Marston (do séc. XIII), João de Rigaldo, Bernardo de Deus, Álvaro Pais, Bartolomeu de Pisa (do séc. XIV), Bernardino de Siena, Bandello Vicente e João Trithemio (do séc. XV), que são inequívocos na citação, por vezes literal, dos *Sermones*, atribuídos a António<sup>11</sup>, testemunhos aos quais haveria a acrescentar pelo menos os de outros contemporâneos e confrades como Albertino de Verona e Sopramonte de Varese<sup>12</sup>; 2) nos textos hagiográficos são repetidas as referências a António enquanto *escritor* de sermões dominicais e festivos, trabalho claramente distinguido da pregação oral: *Vita prima* XI 2-6, *Vita secunda* VI 1-3, *Raymundina* X 3-4, *Rigaldina* VIII 10; 3) não menos importante é a atribuição dos *Sermones* que podemos ler nos respectivos manuscritos, de facto, para além de alguns apógrafos anónimos, todos os restantes são concordantes

<sup>11</sup> Transcrição dos textos em *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», pp. XXVI-XXXII.

<sup>12</sup> RIGON, Antonio: «Note sulla fortuna dei Sermoni antoniani nel XIII secolo», in *Congresso internazionale Pensamento e Testemunho. 8º Centenário do Nascimento de Santo António de Lisboa*, Universidade Católica Portuguesa — Família Franciscana Portuguesa, Braga 1996, vol. I, pp. 227-244; sobre este assunto, ver do mesmo autor: «Sant'Antonio e la cultura universitaria nell'ordine francescano delle origine», in *Francescanesimo e cultura universitaria. Atti del XVI convegno internazionale, Assisi, 13-14-15 ottobre 1988*, Università degli studi di Perugia - Centro di Studi Francescani, Società Internazionale di Studi Francescani, Assisi 1990, pp. 69-92.



tes na identificação de António como seu autor, referido explicitamente no texto (cfr. mss: Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 9821; Linz, SB, 5; Marburg, SB, Görres 110; Padova, BSV, 1120; Roma, BC, 60; Toulouse, BM, 330; Torino, BN, 534; Trier, SB, 278, 326 e 337; Wien, ONB, Vind. palat. 1328), enquanto outros têm esse referência apenas na lombada e em outros componentes externos dos manuscritos.

A constituição do sermonário, apesar da variabilidade das cópias manuscritas, parece bem estabelecida. O *corpus* literário antoniano é constituído por 77 sermões, uma parte dos quais é sistematizada através de vários prólogos e um epílogo, a que há a acrescentar um índice argumentado que lhes dá unidade final, transformando o sermonário dominical em instrumento de apoio ao trabalho do pregador e facilitando o acesso à matéria neles tratada. A totalidade do sermonário divide-se em:

— *Sermões dominicais (Sermones dominicales)*. Inclui 1 Prólogo geral (*Prologus consonans*), 53 sermões, 1 epílogo, mais 7 curtos prólogos que organizam os sermões ao longo do calendário litúrgico. Deve notar-se que o Prólogo geral apenas é transmitido por dois códices (embora só o “códice do Tesouro” o contenha na íntegra) o que poderá ser explicado por se tratar de um texto elaborado apenas após a conclusão dos sermões e da respectiva *tabula*, textos cuja natureza é explicitada no próprio Prólogo; poderá ter sido escrito numa altura em que já teriam sido realizadas cópias destes sermões dominicais, razão pela qual não o possuem (note-se que no “códice do Tesouro” o Prólogo vem depois da própria *Tabula*). Inspirando-se num preceito aparentemente colhido no final do prólogo de Pedro Lombardo às *Sentenças (Sententiae in IV libris distinctae, prol., § 5)*, António compilou numa *Tábua (Tabula sermonum dominicalium)* com os inícios de todas as autoridades explicadas em cada sermão, para que o leitor competente as encontrasse com facilidade sem ter que percorrer a totalidade do seu texto (cfr. *Sermones, Prol., § 5*). Este índice escriturístico e temático dá ao sermonário um carácter de instrumento de trabalho e manual de estudo que se perde na disposição adoptada na edição crítica. De facto, seguindo a lição de dois manuscritos (Padova, BSV, 1122 e Montecassino, BM, 308), os responsáveis pela edição quebraram a unidade da *Tabula* ao optarem por publicá-la de modo fragmentado, colocando no início de cada sermão a parte a ele relativa «para comodidade de uso» (cfr. p. CXXII). O facto de a *Tabula* ape-

nas existir em 7 manuscritos, parece indicar que desde cedo ela deixou de ser copiada, ou por ser pouco prática ou por os pregadores já terem à sua disposição outros instrumentos de trabalho mais eficientes e diversificados.

— *Sermões marianos* (**Sermones in honorem et laudem beatissimae Mariae virginis**). Os 4 sermões, introduzidos por 1 prólogo, formam um grupo homogéneo e individualizado, embora façam parte dos *Sermões dominicais*. No prólogo são de facto anunciados cinco sermões, mas o «In nativitate domini» não está presente, nem a sua epígrafe coincide com a do primeiro dos sermões festivos, precisamente sobre o «Natal do Senhor».

— *Sermões festivos* (**Sermones festivi uel in solemnitatibus**). Grupo de 20 sermões, sem qualquer prólogo ou epílogo. Não possuem o mesmo acabamento literário, nem seguem o método concordista da “quadriga”, usado nos sermões dominicais. A *Tabula* do Manuscrito Roma, BC, 60, não parece original.

Tudo indica que António não deu um nome às suas obras. Para além de não atestarem um nome comum para a totalidade dos sermões, os diferentes manuscritos não transmitem um título constante para cada série. Aquilo que mais se aproxima de um título atribuído pelo autor é a referência no Epílogo dos sermões dominicais: «hoc opus Evangeliorum per anni circulum composui» (*Sermones*, Epil.; cfr. acima n. 7). Mas este possível título refere-se apenas aos sermões dominicais, estando os festivos destituídos de qualquer prólogo ou epílogo de autor que explique a sua natureza e plano ou lhe atribua qualquer título, apesar da sua unidade temática.

### I.3. A elaboração dos sermões

A estrutura dos sermões, as fontes usadas, os modos de citação e outros recursos literários, mostram que o *opus* não foi composto num breve lapso de tempo, mas em períodos específicos e ao longo dos últimos anos de vida de António. Apesar de redigidos num relativamente curto espaço de tempo, os sermões parecem ter sido objecto de revisões de autor, daí que já tenham sido detectadas diferentes “camadas” de texto em sermões analisados com mais pormenor. É bem provável que ao elaborar cada nova série de sermões o autor se tivesse disposto ou constringido a dar mais uma demão nos já elaborados.

Não cabe aqui explicar a multiplicidade de formas, de contextos e de fins da pregação medieval, mas convém não ignorar que o sermão ocupa um importante lugar na cultura, no pensamento e na vida quotidiana, ao longo de toda a Idade Média. Dando o exemplo da pregação antoniana, entre outras, E. Gilson mostra como a pregação na Idade Média é uma forma de comunicação de massas, apenas diferente da propaganda oratória dos tribunos políticos actuais porque lhe faltava o microfone<sup>13</sup>. De facto, os sermões são de vários tipos e constituem uma produção verdadeiramente oceânica no âmbito da literatura medieval. Baseando-se no *Repertorium der lateinischen Sermones des Mittelalter* de J.B. Schneyer<sup>14</sup>, que, obviamente, não elenca os sermões perdidos nem permite identificar quais os sermões efectivamente proferidos, Louis-Jacques Bataillon, calcula, numa «estimativa grosseira», que sobrevivam hoje entre 20.000 e 50.000 sermões apenas do século XIII<sup>15</sup>. Os sermões antonianos são, portanto, uma pequena fracção no interior desta imensa e plurifacetada forma literária, que permanece na sua grande parte ainda inédita.

Nada é certo quanto ao modo como os sermões antonianos foram compostos. Como é que santo António trabalhava? Compôs directamente os ser-

<sup>13</sup> E. GILSON, *Cultura e sociedade e de massa* [La société de masse et sa culture, 1967], trad. T.F. Saraiva, Moraes ed., Lisboa 1970, p. 134, n. 2.

<sup>14</sup> SCHNEYER, Johannes Baptist, *Repertorium der Lateinischen Sermones des Mittelalters, für die Zeit von 1150-1350, 11 vol.*, (Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters. Text und Untersuchungen, 43, Vol. 1-11), Aschendorf Verlags, Münster 1969-1990. Neste monumental repertório em 9 volumes (mais dois de índices) são elencados para cima de 60.000 sermões escritos ao longo de dois séculos; para os sermões antonianos cfr. vol. I, pp. 314-333, onde o autor não lista apenas os sermões de cada domingo ou festa, mas elenca os sermões particulares em que cada um daqueles se sub-divide (embora a lista de manuscritos contenha alguns erros, o autor identificou dois novos manuscritos antonianos: Trier, SB, 326 e Wien, ONB, Vind. Palat. 1328; cfr. *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. LXXIV, n. 8). Apesar da sua extensão e minúcia e da compilação de milhares de manuscritos inéditos, esta obra, pela sua natureza mesma, não é exaustiva; tenha-se presente, a título de exemplo, que os sermões de frei Paio de Coimbra O.P., outro português quase contemporâneo de António, não são repertoriados, nem os de muitos outros.

<sup>15</sup> BATAILLON, L.-J., «Les instruments de travail des prédicateurs au XIIIe siècle», in *Culture et travail intellectuel dans l'Occident médiéval*, Ed. du CNRS, Paris 1981, pp. 197-209, cfr. p. 207, n.1; agora reeditado em L.-J.B., *La prédication au XIIIe siècle en France et Italie*, Variorum, Aldershot 1993, estudo IV.

mões, ou ditou-os e foi-os completando com as sucessivas leituras e acrescento de autoridades bíblicas e doutrinárias? Os sermões são a *reportatio* das suas lições aos discípulos? Dispomos de poucos elementos para chegar a conclusões definitivas, mas, conhecendo algo sobre as condições e os métodos de trabalho dos pregadores medievais, poderemos extrapolar algumas conclusões, dentro de certos limites<sup>16</sup>. Apesar de algumas persistentes tradições que serão referidas mais à frente, nos manuscritos conhecidos dos *Sermões* não foi até agora detectado qualquer traço de autografia, nem existem documentos ou fontes secundárias contemporâneos que atestem o método de composição e escrita dos Sermões. Quer os sermões antonianos sejam a *reportatio* de lições ou o resultado de ditado feito pelo autor, ou o desenvolvimento de esboços do próprio autor, eles foram sem dúvida objecto de uma cuidada revisão que lhes retirou todos os elementos de oralidade ou improvisação, de que não há traço regular ao longo do texto. As abundantes citações são fielmente textuais ou cuidadosamente parafraseadas, o que mostra que o autor (ou o revisor?) tinha perante si as fontes, fossem elas os próprios textos, concordâncias, ou florilégios<sup>17</sup>. De qualquer modo, desconhecemos qual o grau de intervenção de António na preparação final e na cópia das suas próprias obras. O labor intelectual de António decorre numa época em que a autografia de autor é irrelevante ou muito reduzida. Nesta época, o autor depende sobretudo de copistas “funcionários” (secretários ou discípulos) que estabelecem a mediação entre o ditado ou os esboços de texto lançados em suportes percíveis (dejectos de pergaminho, tábuas de cera, etc.) e o texto final, copiado segundo uma ordenação e empaginação cuidadas, depois da revisão e a incorporações de anotações do próprio autor, sempre que essas ocorressem. Como sugeriu B. Pagnin ao estudar o códice do Tesouro, o texto dos

<sup>16</sup> Cfr. o estudo cit. na n. anterior. Para uma visão de conjunto sobre este assunto ver PETRUCCI, Armando, «Dalla minuta al manoscritto d'autore», in CAVALLO, G. — LEONARDI, C. — MENESTO, E. (ed.), *Lo spazio letterario del medioevo, I. Il medioevo latino*, vol. I: *La produzione del testo*, t. 1 (pp. 353-372). Salerno editrice, Roma, 1992.

<sup>17</sup> Ver sobretudo as comunicações da parte III (Struttura e fonti dei “Sermones”) em A. POPPI (cura) *Le fonti e la teologia dei sermoni antoniani*, op. cit.; e HAMESSE, Jacqueline: «L'utilisation des florilèges dans l'oeuvre d'Antoine de Padoue. A propos de la philosophie naturelle d'Aristote», in *Congresso internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento ...*, op. cit., pp. 111-124.

*Sermões* teria sido copiado dos cadernos de apontamentos pessoais de António por alguém do círculo de *scriptores* da Catedral de Pádua, António por sua vez tê-los-ia anotado e daí resulta o texto difundido<sup>18</sup>.

### Data

Os sermões foram seguramente compostos na última década de vida de António, sem que se possa abandonar a hipótese de o autor ter trabalhado sucessivas vezes materiais que já poderia possuir desde o período da sua formação como cónego regrante em Santa Cruz de Coimbra. Não havendo elementos explícitos que permitam uma datação inequívoca dos sermões, é necessário recorrer a elementos de crítica interna para se poder estabelecer uma cronologia entre as diferentes séries de sermões e mesmo no interior de cada grupo de sermões, conjugando-os com os itinerários de António e com as esparsas indicações fornecidas pelos textos hagiográficos. A determinação do(s) breviário(s) e do(s) missal(ais) utilizados como referência e fonte textual nos sermões dominicais (é daí que António extrai textos que faz concordar através da sua “quadriga”)<sup>19</sup>, o ano a que correspondem os ciclos de domingos, o método de composição e exposição, têm sido alguns dos indícios indirectos mais explorados. Embora a datação de todos os sermões na última década de vida da autor seja genericamente aceite, as opiniões dos estudiosos ainda são relativamente divergentes quanto a uma datação mais

---

<sup>18</sup> PAGNIN, B.: «Il codice dei “Sermones” di sant’Antonio di Padova detto del Tesoro. Studio paleografico», *Il Santo* 12 (1972) 3-18, cfr. p. 18. Este ensaio de datação comparativa do códice do Tesouro leva o autor à conclusão que a cópia foi realizada ainda em vida de António, entre 1229 e 1230. Contudo, este estudo foi posto em causa por MARANGON, Paolo, «S. Antonio, Rolando da Cremona e la nuova cultura», *Il Santo* 16 (1976) 131-137, cfr. p. 134 n. 22 e IDEM, *Alle origini dell’aristotelismo padovano*, Ed. Messaggero, Padova 1976, p. 40 n. 70, em ambos os textos que considera que o códice é posterior à data da morte de António. Para uma revisão deste debate, cfr. GAFFURI, Laura: «Introduzione», pp. 10-11, in FRASSON, Leonardo (†) — GAFFURI, Laura — PASSARIN, Cecilia: *In nome di Antonio...*, op. cit. abaixo na n. 63. Se a hipótese de datação de Pagnin é errada, também deve ser abandonada a hipótese de António ter revisto e anotado o trabalho do copista, tanto mais que é hoje consensualmente aceite, em resultado de estudos paleográficos, que as anotações marginais do códice do Tesouro não poderiam ser da mão de António.

<sup>19</sup> Ver um ensaio deste método, com elucidativos quadros comparativos, em Agostinho F. FRIAS: *Lettura ermeneutica dei “Sermones”* ..., op. cit., pp. 75-95.

precisa. Permanece em discussão o grau de reelaboração a que António submeteu os seus textos e se terá trabalhado ou não sobre materiais mais antigos, que já terá levado de Portugal. A determinação de uma cronologia interna a cada grupo de sermões é outro dos pontos de divergência habitual.

Os estudos mais recentes tendem a repetir as conclusões de Beniamino Costa na «Introductio» da edição crítica de Pádua, que situa a composição, ou pelo menos a última revisão, dos *Sermões dominicais*, onde se incluem também os *marianos*, no biénio 1227-1228<sup>20</sup>, quando António era ministro provincial da Itália setentrional, também designada província da Romagna ou Lombardia, e exercia contínua actividade de pregação pública. Segundo o mesmo estudioso, os *Sermões festivos* foram seguramente compostos em 1230-1231<sup>21</sup>, num período em que António já se encontrava em Pádua, onde continuava a dedicar-se à pregação e assumira de novo o encargo de ensinar teologia aos seus confrades.

Os textos hagiográficos são a fonte mais explícita que permite datar os Sermões festivos no último ano de vida de António. São sermões que, perante a perfeição de acabamento dos dominicais, parecem ter ficado incompletos e em esboço. Contudo, o assunto continua a ser discutido; ainda recentemente Agostinho Frias<sup>22</sup> aduzia argumentos para a revisão do testemunho da *Vita prima* (I 11,4) que taxativamente coloca a elaboração dos *Sermões festivos* em Pádua, no último ano de vida de António, sendo a sua morte inesperada a razão apontada aí para terem ficado inacabados. Não sendo compreensível que António abandonasse o método concordista da quadriga usado nos *Sermões dominicais*, A. Frias sustenta que o texto inacabado dos *Sermões festivos* permaneceu no seu estágio primitivo, idêntico àquele a partir do qual os próprios *Sermões dominicais* teriam sido revistos, razão pela qual devem ser considerados anteriores e nunca posteriores. Na mesma senda João S. Costa aduziu alguns novos argumentos, como a especificidade de referência do texto bíblico e o uso de fontes vitorinas, que o levaram a colocar, também contra a tradição hagiográfica, a elaboração dos *Sermões festivos* no período de permanência em França, entre 1225-1227, portanto imediatamente antes da composição dos *Sermões dominicais*, que representam um estágio

<sup>20</sup> S. Antonii, *Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. XIX.

<sup>21</sup> S. Antonii, *Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. XX.

<sup>22</sup> FRIAS, Agostinho F.: *Lectura ermeneutica*, op. cit., pp. 167-168, cfr. p. 94.

de mais apurado domínio da técnica expositiva e de refinamento doutrinal do pensamento de António<sup>23</sup>. A questão permanece aberta, com estudos a sucederem-se na tentativa de determinar uma cronologia para cada sermão individual e mesmo uma cronologia para as diferentes camadas ou partes de alguns sermões particulares onde parece evidente a existência de diferentes estratos de elaboração<sup>24</sup>.

#### 1.4. A transmissão dos Sermões

Para conhecer a difusão e influência dos sermões antonianos analisaremos sucessivamente: *a)* os manuscritos conhecidos, directa ou indirectamente; *b)* o texto transmitido; *c)* a difusão manuscrita; *d)* as edições impressas; *e)* as traduções já realizadas, especialmente as que abrangem o texto completo.

##### *a) Os manuscritos*

Uma breve análise dos manuscritos poderá dar-nos algumas informações quanto aos ambientes intelectuais onde o pensamento teológico de António encontrou eco e se difundiu<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> COSTA, João Mário Soalheiro: «Cristocentrismo no pensamento antoniano. Perspectivas e fontes», in *Congresso internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento*, op. cit., vol. I, pp. 349-375, cfr. em especial as pp. 365-375: António teria trocado o sistema de citação do texto bíblico mais preciso com referência aos versículos na divisão da bíblia parisiense (que usaria quando se encontrava no sul de França), passando depois a um outro mais vago (da Bíblia que usava quando já se encontrava de novo em Itália). Mas, dado que na Idade Média não há uma circulação “nacional” dos códices, nada impediria que as coisas se tivessem passado ao contrário.

<sup>24</sup> Ver em particular alguns dos estudos apresentados ao congresso *Le fonti e la teologia dei sermoni antoniani*, a cura di A. POPPI, op. cit.

<sup>25</sup> Uma descrição, totalmente superada, dos manuscritos usados na edição locatelliana, encontra-se nas pp. VI-XV, dessa edição (onde de facto é usada como principal base de trabalho uma transcrição do códice do Tesouro, realizada um século antes por Bonaventura Perissutti): *S. Antonii Patavini Thaumaturgi Incliti Sermones Dominicales et in Solemnitatibus quos ex mss. Saeculi XIII codicibus qui Patavi servantur, ... Patavii, 1895-1913* (cfr. abaixo n. 45). Na lista que se segue uso o cap. III da «Introductio» aos *Sermones dominicales et festivi*, vol. I, pp. LXXIII-CI, op. cit., onde é dada uma exaustiva descrição dos manuscritos.

**Códices conhecidos e utilizados na edição crítica**

Os *Sermones* são-nos transmitidos por 18 manuscritos, dos séculos XIII-XV, sem uma uniforme transmissão do texto, razão pela qual é conveniente ter presente quais os sermões e para-textos (prefácios, tábuas, índices, etc.) que cada um deles testemunha. Numa secção mais abaixo reproduzem-se as hipóteses de Paolo Marangon sobre as inter-dependências possíveis entre estes códices.

Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, Vat. lat. 1280

(172 ff.; meados do séc. XIII; quatro copistas, escrita gótica librária. Ms. Z da ed. crítica)

Atribuição a António no f. 7ra «Incipiunt Sermones sancti [Antonii Patavini confessoris]».

ff. 1va-6rb: *Tabula Sermonum dominicalium*, que também se encontra distribuída à margem de cada sermão; ff. 7ra-171va: *Sermones dominicales* (do I Domingo do Advento ao XXIV Domingo depois de Pentecostes); no f. 110rb-vb fragmento do *Sermão festivo* da Epifania do Senhor.

Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, Vat. lat. 9821

(IV+126 ff.; meados do séc. XIII; diversos copistas, escrita gótica librária, talvez de Pádua; adquirido pela Vaticana em 1818. Ms. V da ed. crítica)

Atribuição a António no f. 1ra: «Incipiunt Sermones dominicales sancti Antonii per anni circulum».

ff. 1ra-95rb: *Sermones dominicales* (do I Domingo do Advento ao XXIV Domingo depois de Pentecostes); ff. 97ra-122ra: *Sermones festivi*; ff. 122ra-124ra: *Tabula Sermonum dominicalium* (com lacuna).

Linz, Studienbibliothek, Hds. 5 (antigo: Cc VI 6)

(I+91ff.; séc. XIII-XIV; um copista, escrita gótica librária, do sul da Alemanha ou da Áustria. Ms. L da ed. crítica)

Atribuição a António no título do f. 1va: «Liber Sancte Marie Virginis in Pougartenberge. Omelye beati Antonii de ordine minorum fratrum».

ff. 1va-72rb: *Sermones dominicales* (do I Domingo do Advento ao XXIV Domingo depois de Pentecostes); ff. 72va-76ra: *Sermones festivi* (três sermões relaboados).

Marburg, Stätsbibliothek, Hds. Görres 110 (antigo: Lat. Qu. 696)

(I+140 ff.; séc. XIII-XIV; um copista, escrita gótica cursiva; proveniente do mosteiro cisterciense de Santa Maria em Hymmerode da diocese de Trier



(“Trevirensis”), no f. 1r tem carimbos da biblioteca do Liceu de Koblenz e da Biblioteca Régia de Berlim. Ms. N da ed. crítica)

Atribuição a António no título do f. 1r: «Incipit secunda pars Sermonum Antonii super dominicalia evangelia»

ff. 1va-72rb: *Sermones dominicales* (do Domingo de Pentecostes ao XXIV Domingo depois de Pentecostes); ff. 72va-76ra: *Sermones festivi* (três sermões relaborados).

Montecassino, Biblioteca del Monastero, cod. 308 (antigo: 418)

(II+218 ff.; após meados do séc. XIII; dois copistas, escrita gótica itálica. Ms. M da ed. crítica)

Ausência de atribuição a qualquer autor.

ff. 1ra-190vb: *Sermones dominicales* (do Domingo da Septuagésima ao XXII Domingo depois de Pentecostes, com lacunas); ff. 190vb-218vb: *Sermones festivi* (alguns deles incompletos); *Tabula*, dispersa, junto a cada sermão.

Padova, Biblioteca Antoniana, cod. 561 (antigo: 7; 121; 19)

(II+82 ff.; meados do séc. XIII; dois copistas, escrita gótica “paduana”; assinalado no catálogo de 1449 da Biblioteca Antoniana. Ms. D da ed. crítica)

No manuscrito não há atribuição a António (para lá do nome «... Antonii» no exterior do plano posterior da capa), mas ela é conhecida desde o catálogo de 1449 e por uma etiqueta do séc. XVIII na lombada

ff. 1ra-80vb: *Sermones dominicales* (ff. 1ra-72vb: do XII Domingo depois de Pentecostes ao I Domingo depois do Natal; ff. 73ra-80vb: do Domingo de Páscoa ao II Domingo depois da Páscoa).

Padova, Biblioteca Antoniana, cod. 562 (antigo 8; 122)

(IV+82 ff.; meados do séc. XIII; dois copistas, escrita gótica librária, talvez “paduana”; . Ms. E da ed. crítica)

Atribuição a António por um título manuscrito do séc. XVIII no couro da lombada: «S. Antonii Sermones in solemnitatibus».

ff. 1r-58v: *Sermones festivi*.

Padova, Biblioteca Antoniana, cod. 720, dito del Tesoro<sup>26</sup>

(X+206 ff.; antes de meados do séc. XIII; um copista, escrita gótica textual, com correcção e revisão do texto por mão diferente; segundo uma tradição hoje

---

<sup>26</sup> Dada a importância do códice e o seu carácter de relíquia, este ms. tem sido objecto de diversos estudos, ver por exemplo: PAGNIN, B.: «Il codice dei “Sermones” ...», art. cit.

rejeitada teria sido escrito ou anotado por S. António; esteve entre as relíquias do santo desde o início do séc. XVI até ao final séc. XIX; assinalado no catálogo de 1449 da Biblioteca Antoniana. Ms. O da ed. crítica)

Atribuição a António no f. 152r: «Sermones beati Antonii, quos dominos ...».

ff. 1ra-140rb: *Sermones dominicales* (desde meio do sermão I Domingo do Advento até meio do do I Domingo do Advento); ff. 148va-151rb: *Tabula Sermonum dominicalium*; ff. 151rb-151vb: *Prologus in Sermones dominicales*; ff. 152ra-181vb: *Sermones festivi*.

Padova, Biblioteca del Seminario Vescovile, cod. 1120

(IV+175ff.; após meados do séc. XIII; dois copistas, escrita gótica librária; adquirido por A. M. Locatelli no final do séc. XIX, tendo depois passado para a Biblioteca do Seminário. Ms. B da ed. crítica).

Atribuição a António no f. 175vb (por mão diferente da do texto): «Sermones beati Antonii».

ff. 1ra-149vb: *Sermones dominicales* (do I Domingo do Advento ao XXIV Domingo depois de Pentecostes); f. 174va: *Index Sermonum dominicalium s. Antonii Patavini*

Padova, Biblioteca del Seminario Vescovile, cod. 1122

(IV+240 ff.; meados do séc. XIII; dois copistas, escrita gótica “paduana”; proveniente do mosteiro franciscano de S. Pedro em Belluni. Ms. A da ed. crítica)

Atribuição a António no f. 2ra: «Incipiunt Sermones evangeliorum dominicales per totum annum sancti Antonii».

ff. 1ra-195vb: *Prologus e Sermones dominicales* (do Domingo da Septuagésima ao IV Domingo depois da Epifania); ff. 198ra-240ra: *Sermones festivi*; *Tabula* em epígrafes e nas margens junto a cada sermão.

Roma, Biblioteca Casanatense, codd. 60 (antigo: G.IV.I; B.IV.12)

(II+310 ff.; após meados do séc. XIII; diversos copistas, escrita gótica librária da Itália superior; Ms. C da ed. crítica)

Atribuição a António em diversos locais: f. 1ra: «Sancti Antonii Patavini Sermones»; f. 239ra: «Incipiunt Sermones festivi sancti Antonii confessoris»; a rubrica de cada sermão desde o da Septuagésima até aos do Domingo de Ramos: «Sermo beati Antonii» ou expressão similar; f. 299ra: «Incipiunt Themata Sermonum dominicalium sancti Antonii confessoris»; na lombada em cartão: «S. Antonii Sermones».

ff. 1ra-231va: *Sermones dominicales* (do Domingo da Septuagésima ao IV Domingo depois da Epifania); ff. 239ra-296va: *Sermones festivi*; ff. 299ra-307vb: *Tabula Sermonum dominicalium*; ff. 308ra-vb: *Tabula Sermonum festivarum*.

Siracusa, Biblioteca Alagoniana, cod. 15

(162 ff.; a parte com os *Sermões* é escrita em gótica textual do séc. XIV; não utilizado na edição crítica)<sup>27</sup>

Atribuição a António no título do f. 104r: «Incipiunt sermones festivi sanctissimi et beatissimi Antonii presbiteri et confessoris de ordine Minorum fratrum boni utilissimi et devoti ad omnes homines».

ff. 104r-116v: excerto com 13 *Sermones festivi* completos (sobre o nascimento de Jesus, santo Estêvão, João evangelista) e outro mutilado (o primeiro sobre os Santos Inocentes).

Torino, Biblioteca Nazionale, cod. 534 [antigo D.V. 20]

(II+243 ff.; diversos copistas, escrita gótica cursiva, do norte de Itália, talvez de Pádua; após meados do séc. XIII; pertenceu ao mosteiro franciscano de Chieri, perto de Turim, cfr. anotações dos ff. Ir, Iv, 51va, f. 242v. Ms. T da ed. crítica).

Atribuição a António no título do f. 1ra «Sermones beati Antonii in ...cis per circulum anni».

ff. 1ra-241ra: *Sermones dominicales* (do I Domingo do Advento ao XXIV Domingo depois de Pentecostes); ff. 241rb-241vb: *Tabula Sermonum dominicalium*; ff. 242r-243v: *Tabula altera Sermonum dominicalium*.

Toulouse, Bibliothèque Municipale, ms. 330

(377 ff.; diversos copistas, escrita gótica librária; após meados do séc. XIII. Ms. S da ed. crítica)

Atribuição a António no título do f. 236ra: «Incipiunt Sermones de sanctis editi a beato Antonio ordinis fratrum minorum».

ff. 1ra-231ra: *Sermones dominicales* (do Domingo da Septuagésima ao IV Domingo depois da Epifania); ff. 231rb-235vb: *Tabula prothematum et thematum Sermonum dominicalium*; ff. 236ra-278vb: *Sermones festivi*; ff. 346ra-368vb: *Tabula analytica Sermonum dominicalium et festivorum*

Trier, Stadtsbibliothek, cod. 278 (antigo 1660)

(II+126ff.; copiado por Petrus de Arwylre (OFM?) em 1466, escrita gótica librária; pertenceu ao mosteiro da Virgem S. Maria em Vierhartzcluck; proveniente

---

<sup>27</sup> Apenas assinalado em *S. Antonii, Sermones...*, ed. cit., vol. I p. LXXIV n. 8 e vol. III p. 295; descrição do manuscrito em CICCARELLI, Diego: «I "Sermones" antoniani nel cod. 15 della Biblioteca Alagoniana di Siracusa», in A. POPPI (cura) *Le fonti e la teologia dei sermoni antoniani*, op. cit., pp. 269-281.

de Eberhardsklausen e assinalado no catálogo de 1802 da Biblioteca de Trier. Ms. P da ed. crítica)

Atribuição a António no título do f. 1ra: «Incipiunt Omelie magistri Anthonii minoris fratris de omnibus dominicalibus evangeliis, concordante introitu et epistola cum eisdem».

ff. 1ra-126ra: *Sermones dominicales* (ff. 1ra-81rb: do Domingo da Septuagésima ao IV Domingo depois da Páscoa; ff. 82ra-126ra: do I Domingo de Advento ao IV Domingo depois da Epifania)

Trier, Stadtsbibliothek, cod. 326 (antigo 1998)

(177 ff.; séc. XV; um copista, escrita gótica librária; assinalado no catálogo de 1802 da Biblioteca de Trier. Ms. R da ed. crítica)

Atribuição a António no título do f. 1ra: «Incipit Sermones dominicales per circulum anni valde notabilis magistri Anthonii de Padua ordinis minorum de observatia regulari. Et notandum quod ipse incepit eosdem in Septuagesima, quando incipit Liber Genesis».

ff. 1ra-99ra: *Sermones dominicales* (do I Domingo do Advento ao VI Domingo depois da Páscoa)

Trier, Stadtsbibliothek, cod. 337 (2009)<sup>28</sup>

(II+231 ff.; séc. XV; um copista, escrita gótica librária; proveniente de Eberhardsklausen e assinalado no catálogo de 1802 da Biblioteca de Trier. Ms. Q da ed. crítica)

Atribuição a António no título do f. 1ra: «Incipit secunda pars Anthonii de Padua super evangelia. Sed ipse hoc opus inchoavit in Septuagesima cum Genesi».

ff. 1ra-231va: *Sermones dominicales* (do Domingo de Pentecostes ao XXIV Domingo depois de Pentecostes)

Wien, Österreichische Nationalbibliothek, Vind. Pal. 1328

(II+109 ff.; séculos XIII-XIV; diversos copistas, escrita gótica cursiva textual; Ms. W da ed. crítica)

Atribuição a António na rubrica do sermão do Domingo XVII depois de Pentecostes, f. 86ra: «De sancto Antonio confessore ordinis minorum».

ff. 1ra-4rb: *Tabula Sermonum dominicalium*; ff. 5ra-100va: *Sermones dominicales* (do I Domingo do Advento ao XXIV Domingo depois de Pentecostes).

---

<sup>28</sup> Este manuscrito completa o cod. 278 da mesma biblioteca, como bem nota a inscrição com que começa: «Incipit secunda pars Antonii de Padua super evangelia».

### **Manuscritos perdidos, com texto editado**

Os manuscritos que serviram de base às edições de Badius Ascencius e de Pagi estão hoje perdidos, contudo, através das respectivas edições é possível determinar algumas das suas características e confrontar o respectivo texto com o dos manuscritos subsistentes.

#### **Mons in Hainaut**

(utilizado na edição de Badius Ascencius, Paris 1520, 340 pp. Texto Ba da edição crítica)

*Sermones dominicales*, sem a *Tabula*, nem os prólogos, nem os sermões marianos; em muitos aspectos o texto é resumido e alterado.

#### **Avignon (tinha a cota a.1276; conhecido como códice Magliabechiano)**

(utilizado na edição de Pagi, Avinhão 1684, 507 pp. Texto Pa da edição crítica)

*Sermones de sanctis*.

### **Fragmentos e excertos**

Alguns manuscritos transmitem os sermões de forma fragmentárias, ou sob a forma de excertos (incluídos em outros sermonários, ou em miscelâneas), ou porque apenas sobreviveram pedaços ou fragmentos de manuscritos que poderiam conter a totalidade ou secções mais extensas dos *Sermões*. O carácter de relíquia atribuído aos suportes dos textos de António, poderá também explicar a sobrevivência de fragmentos, mas também a desagregação de códices mais extensos, processo que permitia multiplicar relíquias.

#### **Assisi, Biblioteca Comunale, cod. 537**

(séc. XIII-XIV)

ff. 90ra-100vb: excerto dos *Sermones dominicales* (do Domingo de Ramos ao II Domingo depois da Páscoa)

#### **Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, Vat. lat. 1280**

(meados do séc. XIII. Fragmento incluído no ms. Z da ed. crítica)

f. 110rb-vb: *Sermone dominicale*, frag. do Sermão do Domingo da Epifania.

#### **Padova, Biblioteca Antoniana, cod. 477**

(meados do séc. XIII)

f. 40ra-vb: fragmentos de 3 *Sermones dominicales* (VII Domingo depois de Pentecostes; V Domingo depois de Pentecostes; XVII Domingo depois de Pentecostes).

Roma, Biblioteca Vallicelliana, cod. C.100

(séc. XIV)

ff. 23r-24r: frag. de um *Sermo dominicale* (I Domingo da Quaresma).

Salzburg, Stiftsbibliothek St. Peter, cod. A.V.17

(séc. XIII)

ff. 1r-8va: frag. com lacunas de *Sermones dominicales* (do I Domingo do Advento ao I Domingo depois do Natal).

### Manuscritos perdidos

Em documentos de vária natureza (testamentos, relações de bens, catálogos) encontra-se o registo da existência de 13 manuscritos (ou 10, se algumas das referências forem repetições) com os *Sermões* de António, dos quais se perdeu o rasto<sup>29</sup>. Não é impossível que algum dos manuscritos conhecidos e usados na edição de Pádua seja um destes manuscritos perdidos (ver os casos de Fabriano e Verona). Apenas o estudo da história de cada manuscrito poderia trazer luz quanto a esta hipótese. Conhecendo-se o modo de circulação e difusão dos manuscritos e as diversas formas de destruição a que estiveram sujeitos ao logo dos séculos, não é arriscado aventar que o número de manuscritos perdidos é seguramente bem maior que este. Como prova, veja-se a colação dos textos transmitidos pelos diferentes manuscritos, que levou os autores da edição crítica a postularem a existência de apógrafos intermediários, hoje perdidos ou desconhecidos (cfr. secção seguinte).

Assisi (1381: catálogo da biblioteca do convento de S. Francisco: «*Sermones dominicales et festivi sancti Antonii presbiteri et confessoris ordinis minorum, cuius principium est: In principio creavit Deus...*»).

Bologna (1421: no registo da biblioteca do convento franciscano de Bolonha são referidos dois volumes com os *Sermões*: «*Sermones Anthonii*» (mas nada garante que se refira a António de Pádua); «*Sermones beati Antonii, fratris Bonifacii*»).

Fabriano (1348-1357: no memorial e no livro de receitas e despesas do convento de S. Francisco, os *Sermones* são referidos 3 vezes, podendo tratar-se de um único ou de mais exemplares: «*Sermones beati Anthonii, meo usu deputati*»; «*Sermones*

---

<sup>29</sup> *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», pp. XCIX-C.

sancti Anthonii, olim Franciscutti Petri, et olim fuerunt conventus Esii»; «Sermo[nes] beati Anthonii»).

Gubbio (c. 1360: catálogo da biblioteca do convento de S. Francisco: «Sermones sancti Anthonii»).

Kaliningrad/Königsberg (321 ff.; ms datado: 1430; talvez destruído na guerra de 1939-1945. No f. 1ra pela mesma mão do resto do texto: «Incipit tractatus beati Antonii de ordine fratrum minorum. Dominica in Septuagesima. In principio creavit Deus...»; ff. 1ra-310vb: *Sermones dominicales*).

Padova (1237: no testamento de mestre Egídio: «Sermones quondam fratris Antonii»).

Siena (1481: catálogo da biblioteca do convento de S. Francisco: «Sermones sancti Antonii de Padua»).

Trisulti (1305: Biblioteca da Certosa de Trisulti: «Sermones beati Antonii dominicales a Septuagesima usque ad Adventum»).

Verona (1332: bens de frei Theobaldi, O.E.S.A., bispo de Verona: «Item unum librum Sermonum beati Antonii fratris minoris, qui incipit: Incipiunt Sermones et cetera»).

Verona (1341: rol de bens do mosteiro das franciscanas de S. Maria de Campomarzio: «Item unus liber a Sermonibus sancti Antonii»).

### O texto transmitido

Pode-se verificar pelo conteúdo dos manuscritos, atrás descritos de modo muito abreviado, que a difusão da obra não reproduz um texto *standard*. Não é apenas a ordem dos sermões que varia de uma família para outra, é também o *corpus* difundido que não coincide sempre. Apesar destas divergências, constata-se que a grande maioria dos manuscritos foram copiados durante o século imediatamente posterior à composição dos sermões: 11 são do século XIII, 4 dos séculos XIII-XIV, 3 do século XV.

De todos os manuscritos apenas um transmite a totalidade dos sermões e respectivos prólogos e tábua, o manuscrito 720 da Biblioteca Antoniana de Pádua, ou códice do Tesouro.

O *Prólogo* existe em dois manuscritos: Padova, BSV 1122 (numa versão lacunar); Padova, BA, 720.

O *Sermonário* (dominical e festivo) está completo em cinco manuscritos, embora nem sempre coincidam entre si na ordenação dos sermões: Città

del Vaticano, BAV, Vat. lat. 9821; Padova, BA, 720; Padova, BSV, 1122; Roma, BC, 60; Toulouse, BM, 330.

Seis manuscritos transmitem apenas *Sermões dominicais*: mss. Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 1280; Padova, BA, 561; Padova, BSV, 1120; Trier, SB, 278; Trier, SB, 326; Trier, SB, 337<sup>30</sup>.

Um transmite apenas *Sermões festivos*: ms. Padova, BA, 562<sup>31</sup>; acrescenta-se o manuscrito de Siracusa que não tem senão uma parte dos *festivos*.

Os restantes manuscritos transmitem uma parte dos sermões, podendo estar ou não acompanhados por uma das outras partes, mais ou menos completa: Linz, StuB, 5; Marburg, SB, Görres 110; Montecassino, BM, 308; Roma, BC, 60; Torino, BN, 534; Wien, ONB, Vind. Pal. 1328.

A *Tabula* encontra-se em sete manuscritos: Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 1280; Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 9821; Padova, BA, 720; Roma, BC, 60; Wien, ONB, Vind. Palat. 1328; a *Tabula* encontra-se também nos manuscritos Montecassino, BM, 308 e Padova, BSV, 1122, mas está dispersa junto aos sermões (o Vat. lat. 1280 é o único onde aparece dos dois modos); alguns outros códices possuem simples índices dos sermões, que não podem ser confundidos com a *Tabula*.

Para além das variantes induzidas pela própria transmissão textual (convém lembrar que cada manuscrito constitui em si mesmo uma edição diferente), não foi assinalada a existência de diferentes versões de texto que atestassem diferentes fases na sua composição. O texto transmitido é o texto preparado para uma difusão pública (isto se não contarmos com o caso do Prólogo já referido acima).

São sobretudo as divergências textuais, aturadamente analisadas pela equipa que realizou a edição crítica de Pádua, que permitem estabelecer redes de contaminação e filiação entre os manuscritos, que dependendo do hipotético arquétipo autógrafo ou revisto sob a orientação do autor (o ms. a), exigem a suposição de outros intermediários perdidos. A colação das variantes

<sup>30</sup> Apenas os mss. ABCOSTVWZ contêm os *Sermões dominicais* na íntegra, estando incompletos nos mss. DLMNPQRBa (para identificar as letras, ver a descrição dos manuscritos resumida acima), cfr. S. Antonii, *Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. CI.

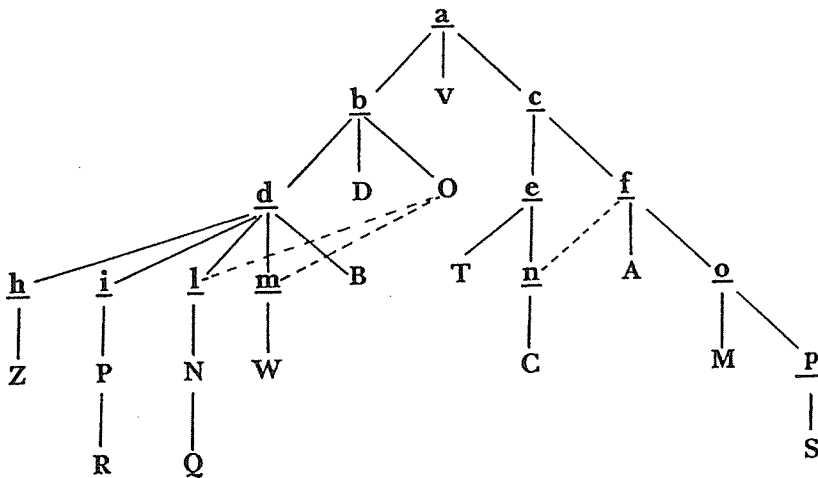
<sup>31</sup> Apenas os mss. ACEOS contêm os *Sermões festivos* na íntegra, estando incompletos nos mss. LMSPa (para identificar as letras, ver a descrição resumida acima), cfr. S. Antonii, *Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. CXXII.



mais significativas entre os diferentes testemunhos da tradição textual permitiu a P. Marangon construir uma hipótese de inter-relação dos apógrafos, como poderá ser verificado nos *stemmata codicum* a seguir reproduzidos.

Nas gravuras que a seguir se reproduzem as letras minúsculas representam intermediários perdidos e as maiúsculas representam os manuscritos conhecidos. Convém notar que cada letra minúscula não parece representar um códice particular, razão pela qual, para dar um exemplo, o ms. O (ou do Tesouro) aparece na família de b para os *Sermões dominicais* e na família de c para a *Tabula* e depende directamente de a para os *Festivos*. Este exemplo atesta também a complexidade de difusão do texto dos sermões.

Dos *Sermões dominicais*, segundo essas conjecturas (cfr. fig. 1), perderam-se 12 manuscritos intermediários (letras minúsculas) entre o original a, também perdido, e os 15 manuscritos existentes (letras maiúsculas). As duas famílias principais ramificam-se de modo complexo, de onde não estão excluídas as contaminações e a existência de cópias elaboradas com base em mais do que um manuscrito. *V* depende directamente do arquétipo mas não possui posteridade conhecida. O texto editado por Badius (Ba) parece entroncar em e. No *stemma* não é incluído o manuscrito L, com um texto muito alterado por sua iniciativa mas que está também próximo de e.



**Fig. 1** — Stemma dos manuscritos dos *Sermones Dominicales*

Fonte: S. Antonii, *Sermones...*, op. cit., p. CXVIII (P. Marangon)

Da *Tabula*, que sobrevive apenas em parte dos manuscritos, organizados em duas famílias distintas, haverá três intermediários perdidos para além do arquétipo (cfr. fig. 2). Deve notar-se que na árvore não constam os manuscritos A e M porque aí a *Tabula* é fragmentária. Apesar de pertencerem a famílias distintas, C e Z oferecem idêntica disposição da *Tabula*, colocando-a como epígrafe junto aos sermões respectivos.

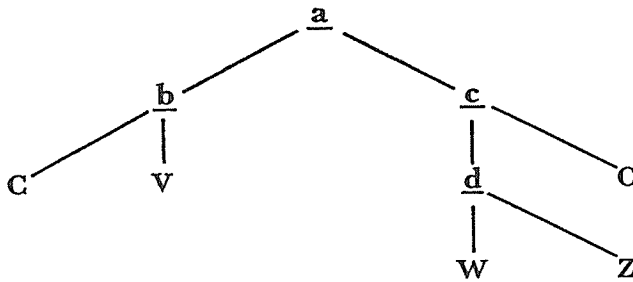


Fig. 2 — Stemma dos manuscritos da *Tabula Sermonum*

Fonte: S. Antonii, *Sermones...*, op. cit., p. CXXI (P. Marangon)

Dos *Sermões festivos*, em cuja difusão reaparecem três famílias, apesar de o manuscrito O depender directamente do arquétipo, ter-se-ão perdido 5 manuscritos intermediários (cfr. fig. 3, onde não é incluído o manuscrito de Siracusa). Também aqui há a possibilidade de algum manuscrito ter sido corrigido com o uso de cópia pertencente a outra linhagem.

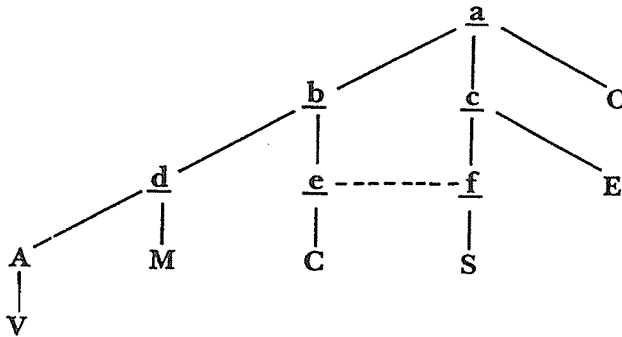


Fig. 3 — Stemma dos manuscritos dos *Sermones festivi*

Fonte: S. Antonii, *Sermones...*, op. cit., p. CXVIII (P. Marangon)

Apesar da sua antiguidade e fama e mesmo acompanhado pela reverencial tradição de ser considerado autógrafo, o manuscrito do Tesouro (O) desempenhou um papel notoriamente marginal na difusão dos *Sermões*, figurando isolado e quase sem posteridade em qualquer dos casos. De qualquer forma, este exercício permite supor o desaparecimento de mais de 15 manuscritos intermediários. Claro que nada podemos dizer quanto a outras eventuais cópias realizadas sobre alguns dos manuscritos colocados no plano inferior das linhagens de difusão, mas não é improvável que tenham existido.

### A difusão dos *Sermões*

Os 18 manuscritos, mais os 5 fragmentos e os 15 perdidos (2 deles após a respectiva edição), procedem na sua quase totalidade de conventos ou igrejas franciscanas, ou de igrejas a eles associados, onde seriam desde o século XIII usados como instrumento de aprendizagem da arte de pregar e menos pelo seu conteúdo exegético e teológico, para além do seu valor cultural enquanto relíquias do santo. Esta proveniência não é clara em todos os manuscritos, mas, ela também pode ser extrapolada das considerações produzidas para a elaboração do *stemma codicum*, que revelam uma contiguidade de cópia. Não podemos dizer que a dispersão geográfica dos manuscritos tenha sido reduzida, mas a maioria dos manuscritos são do centro de Itália<sup>32</sup> e em menor número do sudoeste da Alemanha<sup>33</sup>, ou do norte da Áustria<sup>34</sup>, e um ou dois chegaram a França<sup>35</sup>. A distância maior foram parar apenas dois manuscritos, hoje perdidos, um à Bélgica (Mons in Hainaut) e outro a Königsberg (hoje Kaliningrado, na Rússia).

---

<sup>32</sup> Em Itália subsistem 11 manuscritos, 3 fragmentos, e o registo de 11 manuscritos perdidos. Distribuídos por cidades temos : Pádua : 5 manuscritos, 2 fragmentos, 1 perdido; Vaticano 2 mss. e 1 frag.; Roma 1 ms, 1 frag; Turim 1 ms; Montecassino 1 ms; Siracusa, 1 ms; Assis 1 frag., 1 perdido; Fabriano 2 perdidos; Trisulti 1 perdido; Verona 2 perdidos; Siena 1 perdido; Bolonha 2 perdidos.

<sup>33</sup> Na Alemanha: 4 manuscritos. Trier 3 mss (que na realidade podemos considerar três tomos de uma mesma obra); Marburgo 1 ms.

<sup>34</sup> Na Áustria: Linz 1 ms; Salzburgo 1 perdido; Wien 1 ms.

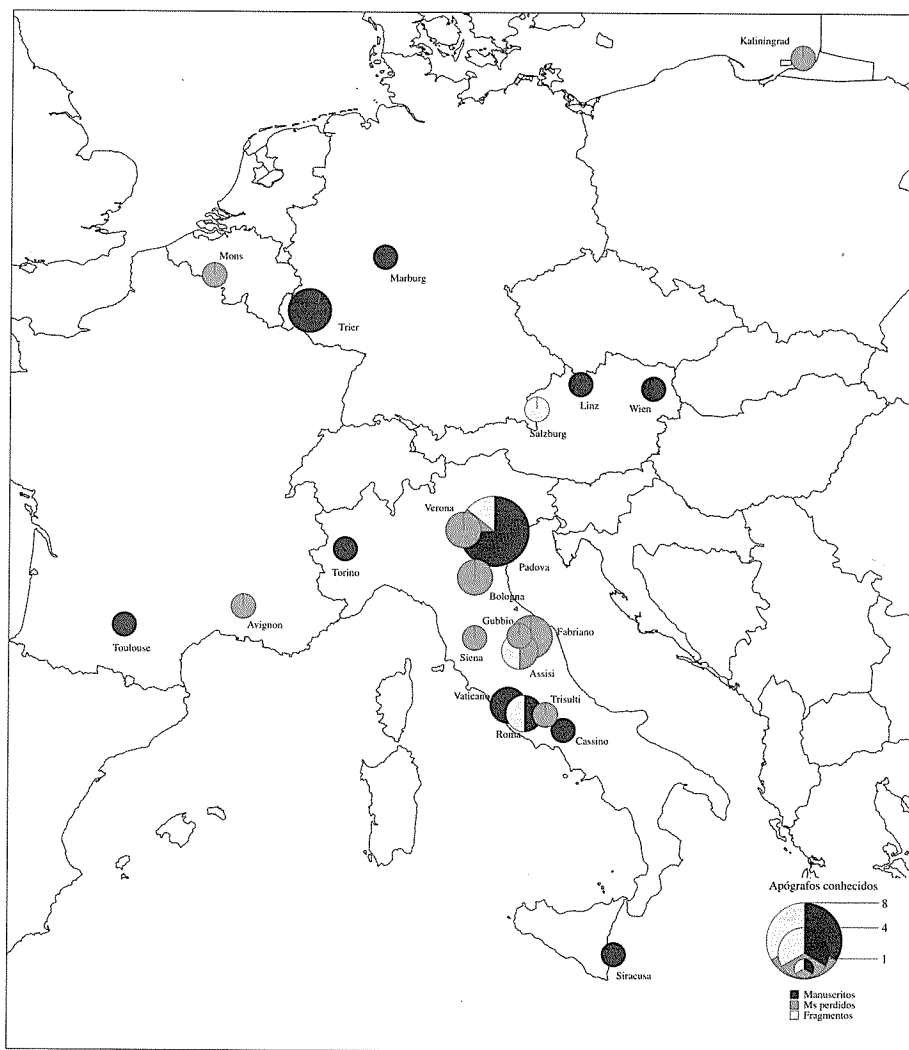
<sup>35</sup> O ms de Toulouse, mais o de Avinhão usado por Pagi para a edição de 1684 e hoje perdido.

Pelo mapa<sup>36</sup> anexo verificamos com facilidade que a generalidade dos manuscritos, existentes ou perdidos, cabem num círculo de difusão em torno de Pádua (principalmente em direcção a sul), coração do culto antoniano, e dentro das instituições franciscanas, o que pode indicar que os sermões têm alguma relação com o ensino dentro dos *studia* franciscanos, ou pelo menos sublinham o prestígio da sabedoria de António no interior da ordem mendicante. É certo que algumas das cidades onde hoje os manuscritos se encontram não são o local a que pertenciam. Isso é particularmente relevante no caso dos conventos suprimidos um pouco por toda a Europa durante o século XIX, cujos manuscritos vieram a ser integrados em bibliotecas públicas (v. g. os manuscritos Linz, SB, 5; Marburg, SB, Görres 110; Roma, BC, 60; Torino, BN, 534; Toulouse, BM, 330; Trier, SB, 278 e 326 e 337; Wien, ONB, Vind. Pal. 1328) ou eclesiásticas (cfr. Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 1280 e Vat. lat. 9821; Padova, BSV, 1120 e 1122). Mesmo assim, o mapa permite-nos apreciar, com alguma aproximação, o fenómeno da dispersão efectiva das cópias manuscritas, porquanto, nos casos em que os manuscritos foram reintegrados em outras instituições, essas bibliotecas estão na mesma área ou diocese do convento ou igreja de origem. Não pode deixar de se colocar a hipótese da cópia dos sermões estar também directamente associada ao culto antoniano e aí seria de compreender a função de relíquia que alguns códices assumiram. Quase poderíamos arriscar que estamos perante um texto difundido exclusivamente no interior da ordem franciscana, quase sempre a partir de Pádua, mas a hipótese necessita de ulteriores investigações histórico-paleográficas que a confirmem. De qualquer modo não seria estranho se se viesse a concluir que a maioria destes locais coincidem com as próprias áreas de influência deste importante centro de cultura e fé franciscanas.

---

<sup>36</sup> Agradeço ao Prof. Doutor Luís Paulo S. Martins a competência informática e perfeccionismo com que cartografou este objecto estranho que são os manuscritos.

S. ANTÓNIO DE LISBOA, ESCRITOR. A TRADIÇÃO DOS *SERMONES*



MAPA — A dispersão geográfica dos manuscritos e fragmentos dos *Sermões* de s. António de Lisboa

Cartografia: Luís Paulo S. Martins

Em Portugal não existe qualquer manuscrito com os sermões de António, o que evidencia desconhecimento local ou pouco interesse pela sua obra escrita. Diga-se, aliás, que nos manuscritos também nunca é referida a origem portuguesa de António. De facto os mais antigos, como pode ser verificado na descrição dada acima, chamam ao autor “santo” (*sanctus Antonius*) ou “bem-aventurado” (*beatus*) ou “confessor” (*confessor*), sendo também comum a sua identificação como “frade menor” (*frater minor*), bem interessante é também a designação mestre” (*magister*) que encontramos no manuscrito 278 de Trier. É nos manuscritos do séc. XV que começa a surgir o topónimo “de Pádua”, sem que em qualquer deles se diga que António era português ou de Lisboa.

#### b) As edições

Em 1535 o Conselho da cidade de Pádua decidiu por votação nomear dois especialistas que deveriam encontrar um copista que transcrevesse o conteúdo dos dois volumes de sermões que saíam em procissão na festa do santo e patrono da cidade, para que esse texto depois fosse impresso e assim divulgasse a «fructifera opera», tornando possível que os sermões «possam ser lidos a apreciados por cada um». <sup>37</sup> Apesar desta deliberação a primeira edição de Pádua só seria publicada alguns séculos depois.

Alguns anos antes da decisão do Conselho da cidade de Pádua havia sido publicada a edição *princeps* dos *Sermones dominicales*, realizada pelo grande editor e tipógrafo Badius Ascensius em Paris em 1520 e reimpressa em 1528 <sup>38</sup>, que viria ainda a ser aproveitada para a edição revista de Veneza de 1574, realizada por Raphael Maffei OFM <sup>39</sup> (a qual teria 4 reimpressões:

<sup>37</sup> «possino esser lecti e gustati da caduno», *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. XXV-XXVI, onde é editado o documento.

<sup>38</sup> *Divi Antonii Patavini, vulgo dicti de Padua, Sermones dominicales sive de Tempore. Prelum Ascensianum. Venundantur cum gratia et privilegio in triennium Iodoco Badio Ascensio*, Parisiis 1520; Reimpressão: 1528. Para uma descrição mais completa cfr. *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. CII; *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, Imprensa Nacional, Lisboa 1944, pp. 656-658.

<sup>39</sup> *Divi Antonii de Padua minoritae Sermones dominicales moralissimi super evangelia totius anni. Adiectis in fine tribus sermonibus, in gratiam eorum (...). Per f. Raffaelum Maffeeum Venetum theologum Servorum. Cum duplici indece. (...)*, apud Antonium

Lyon 1653, Stadt am Hof/Ratisbona 1739, Augustae 1739, Paris 1889) e para a edição do franciscano Iohannes de la Haye, impressa em Paris em 1641<sup>40</sup>. A partir da edição de frei João de la Haye começam a ser atribuídas a António algumas obras sobre as Escrituras que não lhe pertencem, como veremos a seguir. Duas destas edições publicam em conjunto os textos de António e de Francisco de Assis, as quais, no que diz respeito a António, são de facto reimpressões da edição de De la Haye. Em 1739 é publicada em Ratisbona o volume *S. Francisci Assisiatis et S. Antonii Paduani Opera Omnia*<sup>41</sup>; outra edição, aparentemente com o mesmo conteúdo, é publicada por Horoy em Paris 1880 (pp. 449-1286), como volume IV da *Medii Aevi Bibliotheca Patristica: S. Francisci Assisiatis Seraphici Patriarchae opera omnia. S. Antonii Paduani eiusdem Ordinis opera omnia*<sup>42</sup>.

Os *Sermones festivi* terão a sua primeira edição por Antonius Pagi, minorita conventual, em Avinhão em 1684 (reimpressos em Avinhão 1734)<sup>43</sup>.

---

Bertanum, Venetiis, 1574. Para uma descrição mais completa cfr. *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. CIII; apenas assinalado em *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, ed. cit., p. 651.

<sup>40</sup> *Sancti Francisci Assisiatis minorum patriarchae, nec non s. Antonii Paduani eiusdem ordinis, Opera Omnia. Postillis illustrata, Expositione mystica in Sacram Scripturam nusquam impressa et in eadem Concordia morali locupletata. Opera et labore r.p. Ioannis de la Haye (...). Adiecta utriusque sancti vita et elogia. Cum indicibus amplissimis (...).* Parisiis, apud Dionisium Bechet, 1641. Reimpressões em 1653 (em Lyon, por Pedro Rigaud), em 1739 (em Stadt am Hof, por Ioannis Gastl), em 1739 (em Augusta/Turim?, por M. Veith), em 1889 (em Paris, por Horoy). Para uma descrição mais completa cfr. *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. CIII-IV. Edição descrita na *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, ed. cit., pp. 648-650 (n.º 61), onde se referem as reedições; cf. também pp. 644 (n.º 59/2) e 647 (n.º 60). Esta edição contém diversos escritos apócrifos que serão referidos mais à frente (cfr. notas 67, 80 e 81).

<sup>41</sup> Cfr. *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. CIV. Este volume é assinalado no catálogo, do séc. XVIII, da biblioteca do Paço Episcopal de Bragança (cfr. AFONSO, Ana Maria, «Catálogo da Livraria do Paço Episcopal de Bragança», *Brigantia* 15, 1995, pp. 125-162, cfr. p. 129).

<sup>42</sup> Cfr. CAEIRO, F.G., *Santo António de Lisboa*, vol. I, ed. do A., Lisboa 1967, p. 434 (re-ed. INCM, Lisboa 1995); cfr. *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. CIV.

<sup>43</sup> *Divi Antonii Paduani ordinis minorum Sermones hactenus inediti de sanctis et de diversis (...). Opera et studio r.p. Antonii Pagi (...). Avenione, apud Petrum Offray (...), 1684, reimpressos em 1734. Esta edição inclui textos espúrios. Para uma descrição mais completa cfr. *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. CIV; apenas assinalado em *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, ed. cit., pp. 651, que não distingue estes sermões dos espúrios com o mesmo nome.*

Por fim, Antonio Maria Iosa, também franciscano conventual, editará alguns sermões festivos e a série dos sermões marianos, em Bolonha em 1883, por fascículos, com reedição em Pádua em 1885<sup>44</sup>.

A primeira edição crítica, e a primeira a englobar a totalidade do sermônario, mas usando critérios hoje ultrapassados, é realizada por Antonio Maria Locatelli e seus continuadores (Locatelli faleceu em 1902), impressa em Pádua entre 1895 a 1913, editada em 13 fascículos, reunidos em 3 volumes<sup>45</sup>. O Sermão da Ascensão de Maria teve edição separada em 1902<sup>46</sup>.

A edição crítica definitiva será realizada no âmbito do “Centro studi antoniani” de Pádua, cidade onde seria publicada em 1979<sup>47</sup>. Esta edição é a todos os títulos elogiável: pela consistência da investigação dos manuscritos e o confronto das várias famílias textuais, pelo seu extremo rigor filoló-

<sup>44</sup> *Legenda seu vita et miracula sancti Antonii de Padua saeculo XIII<sup>o</sup> concinata, ex codice mambraneo Antonianae Bibliothecae (...) notis illustrata et nunc primum edita a p.m. Antonio Maria Iosa min. conv. (...). Accedunt sermones eiusdem sancti in solemnitatibus Ascensionis D.N.I.C., Pentecostes, S. Ioannis Baptistae et SS. Ap. Petri et Pauli hactenus inediti et ex membraneo codice deprompti, qui ipsius sancti manu recognitus inter sanctorum reliquias in eius basilica asservatur. Bononiae, ex Typographia pontificia Mareggiani, 1883; reimpressa em Padova 1885, apenas com os sermões marianos: Sermones s. Antonii de Padua in laudem gloriosae Virginis Mariae (...) nunc primum editi a p.m. Antonio Maria Iosa (...) Patavii, typis Seminarii, 1885. Descrição mais completa em S. Antonii, Sermones..., op. cit., «Introductio», p. CV-CVI; apenas assinalado em *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, ed. cit., pp. 651 e 655.*

<sup>45</sup> Antonius Maria LOCATELLI [et J. MUNARON — J. PERIN — M. SCREMINI], *S. Antonii Pat[avini] thaumaturgi incliti Sermones dominicales et in solemnitatibus, quos ex mss. Saeculi XIII codicibus, qui Patavi servantur, faventibus quinqueviris S. Antonii Arcae curandae, consultis etiam Vaticano, Casanatensi aliisque exemplaribus, editis notisque et illustrationibus locupletati Antonius Maria Locatelli, Patavii 1895-1913; os fascículos do vol. I foram publicados entre 1895 e 1903, os do vol. II entre 1907 e 1911 e os do vol. III entre 1912 e 1913. Descrição completa e juízo crítico sobre a edição, em S. Antonii, Sermones..., op. cit., «Introductio», p. CVII-X; cfr. *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, ed. cit., pp. 658-660.*

<sup>46</sup> *S. Antonii Patavini thaumaturgi incliti Sermo de Assumptione b. Mariae Virginis, ex antiquo ms. et emendatissimo codice Societatis universalis S. Antonii Patavinis curis collegii eruditiorum eiusdem societatis nunc primum editus, Patavii 1902 (...)*. Descrição completa em S. Antonii, Sermones..., op. cit., «Introductio», p. CVI-VII.

<sup>47</sup> *S. Antonii Patavini, O. Min., Doctoris Evangelici Sermones dominicales et festivi, ad fidem codicum recogniti, curantibus Beniamino COSTA, Leonardo FRASSON, Ioanne LUISETTO, coadiuvante Paulo MARANGON, 3 vol., Edizioni Messagero, Padova 1979; cfr. supra n. 4.*



gico na colação e restituição do texto antoniano, pela amplitude do duplo aparato, literário e histórico-crítico, que disseca as variantes textuais e a ampla panóplia de fontes a que António recorreu, e pela, não menos impressionante, qualidade tipográfica e editorial dos seus três monumentais volumes. Não é apenas uma aplicação, mas sobretudo um aperfeiçoamento dos mais rigorosos critérios edócticos contemporâneos. A qualidade científica de todos os componentes desta edição proporcionam aos estudiosos de António um texto que pela sua fiabilidade poderemos considerar definitivo, o qual até hoje quase não mereceu reparos de substância. Contam-se pelos dedos das mãos os autores medievais cuja obra completa está editada seguindo um padrão de tão elevado rigor. Não menos modelar é o estudo introdutório, que aqui tenho vindo a citar abundantemente.

### c) As traduções

A transposição dos textos de António para línguas vernáculas é relativamente recente. Apenas em 1846 Giuliano Annibaldi publica em Rimini alguns sermões traduzidos para italiano<sup>48</sup>. A segunda tentativa também é muito parcelar e foi dada aos prelos em Lisboa já no final do século XIX. Em 1895 J. J. da Motta Cerveira, num modesto volume de 81 páginas, publica em Lisboa alguns sermões antonianos<sup>49</sup>. Seguem-se outras traduções de sermões escolhidos, sobretudo para italiano, mas também para francês e alemão<sup>50</sup>.

Com base na edição locatelliana será feita a primeira tradução da totalidade dos sermões, para italiano, por Carlo Varotto em 1963-65<sup>51</sup>. O mesmo

<sup>48</sup> *Amaestramenti di sant'Antonio di Padova estratti dai suoi scritti latini*, versione italiana di Giuliano Annibaldi, Rimini 1846; cfr. REMA, Henrique Pinto, «Introdução», *Santo António, Obras completas...*, ed. cit., p. LXXXII.

<sup>49</sup> *Sermões compostos e prégados por Sancto Antonio de Lisboa, extrahidos das obras do mesmo Sancto e tradusidos em portugues por J.J. da Motta Cerveira e confrontados com o original pelo Rev.do Francisco Mendes de Alçada de Paiva*. Casa Catholica, Lisboa 1895. Vol. descrito na *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, ed. cit., p. 664.

<sup>50</sup> Cfr. Henrique Pinto REMA, *Santo António de Lisboa, Obras completas*, ed. cit., pp. LXXXII-III.

<sup>51</sup> S. ANTONIO DI PADOVA, *Prediche. Opera Omnia*, trad. Carlo VAROTTO OFMConv., 5 vol., Ed. Cantagalli, Siena 1963-65.

autor publicará nos anos seguintes um exaustivo índice latino de todos os termos do sermão<sup>52</sup>, que é ainda um útil instrumento de trabalho, apesar de remeter para a superada edição de Locatelli.

Também foi esta a edição usada por Henrique Pinto Rema para a tradução que publicou na Sociedade de Língua Portuguesa em 3 volumes, Lisboa 1970<sup>53</sup>. A segunda edição desta tradução portuguesa viria a ser completada, colocando em colunas defronte ao texto traduzido o texto latino da edição crítica de Pádua. Esta edição, que virá também acompanhada por utilíssimos índices publicados no final do segundo volume, oferece um bom instrumento de trabalho ao leitor e estudioso português<sup>54</sup>. É esta tradução revista que aparece de novo nos 3 volumes de fontes antonianas, publicados em 1998, agora em simultâneo com a primeira tradução portuguesa dos textos hagiográficos, mas já sem o original latino<sup>55</sup>.

Na ocasião comemorativa dos 800 anos do nascimento de António foram publicadas novas traduções em diversas línguas. Todas estas novas traduções se baseiam no texto da edição crítica. Em 1994 tinha aparecido uma nova tradução italiana do *corpus* antoniano por Giordano Tollardo, a qual conheceu uma reedição dois anos depois<sup>56</sup>. A edição castelhana, com tradução de

<sup>52</sup> Carlo VAROTTO: «Dizionario della dottrina di S. Antonio» *Il Santo*, 8 (1968) 21-60, 227-313 e 9 (1969) 325-374.

<sup>53</sup> SANTO ANTONIO DE LISBOA, *Obras completas*. Introd., trad. e notas por Henrique Pinto REMA O.F.M., 3 vol., Sociedade de Língua Portuguesa — Editorial Restauração, Lisboa 1970.

<sup>54</sup> SANTO ANTONIO DE LISBOA, *Obras completas. Sermões dominicais e festivos*. Introd., trad. e notas por Henrique Pinto REMA. (Tesouros da literatura e da história) 2 vol. Lello & Irmão editores. Porto 1987. Na p. LXXXII H.P. Rema indica que esta tradução portuguesa corresponde substancialmente à versão anterior, embora com numerosas emendas, ajustamento de parágrafos e da numeração das cláusulas à edição crítica de 1979, bem como novas notas. Como não é uma tradução *ex novo*, recomenda-se que seja sempre confrontada com o texto latino.

<sup>55</sup> SANTO ANTONIO DE LISBOA, *Biografias — Sermões*, (Fontes franciscanas, 3) Ed. Franciscana, Braga 1998 [vol. I: 206+CX+420 pp.; II: 94+640 pp.; III: 140+610 pp.]; numa estranha opção editorial os sermões estão repartidos pelos três volumes, tal como os textos hagiográficos, possuindo cada um destes grupos de textos uma paginação própria em cada volume.

<sup>56</sup> SANT'ANTONIO DI PADOVA, *I Sermoni*, trad. Giordano TOLLARDO, Ed. Messaggero, Padova, 1994 (1260 pp.). Em 1996 aparecia a segunda edição (1294 pp.), com índice de citações bíblicas e uma tábua sinóptica das anteriores edições dos sermões.

Martin-Lunas, com introdução e comentários, aparece em 1995<sup>57</sup>. Curiosamente outra tradução castelhana, por Contardo Miglioranza, foi publicada na Argentina, também em 1996<sup>58</sup>. Nos últimos anos têm sido publicadas traduções parcelares para as mais diversas línguas: inglês, francês, alemão, polaco, russo, etc.<sup>59</sup>.

## II. Obras de autenticidade discutida e obras apócrifas

É ainda no período anterior à existência da imprensa que começam a ser atribuídas a António obras cuja autenticidade os estudos críticos têm questionado. Algumas destas obras são reelaborações dos sermões, ou inspiram-se na sua doutrina e na sua intenção pastoral. Em outras parece ser evidente a intenção deliberada dos seus reais autores aproveitarem a autoridade de que o nome de António gozava para fazerem passar como meritórias e dignas de crédito as suas próprias obras. O fenómeno dos textos apócrifos e da pseudo-epigrafia é comum nos grandes autores antigos e medievais como Platão, Aristóteles, Agostinho, Bernardo, Boaventura, Tomás ou Duns Escoto. Outros autores, mais raros, dissimulam a sua própria identidade, como é o caso de Honório de Autun, o augustodunense, embora se saiba agora

---

<sup>57</sup> SAN ANTONIO DE PADUA, Doctor Evangélico, *Sermones dominicales y festivos*, texto bilingüe latín-español, ed. coord. por Victorino Terradillos Ortega, trad. Teodoro H. MARTIN-LUNAS, introd. Rafael SANZ VALDIVIESO (Publicaciones del Instituto Teológico Franciscano. Série Mayor, 20), Ed. Espigas, Murcia 1995 (CXVI+2433 pp.). A tradução outrora realizada por Bernardo Aperribay e seus colaboradores para a Biblioteca de Autores Cristianos, de Madrid, nunca chegou a ser publicada (sobre esta tradução cfr. H.P. REMA, «Introdução», SANTO ANTONIO DE LISBOA, *Obras completas. Sermões dominicais e festivos*, p. LXXXIII).

<sup>58</sup> SAN ANTONIO DE PADUA, Doctor Evangélico, *Los Sermones*, 2 vol., trad. del texto crítico Contardo MIGLIORANZA, *El Mensajero de San Antonio — Misiones Franciscanas Conventuales*, Buenos Aires 1996 (X+1091+X pp.).

<sup>59</sup> Para uma actualização bibliográfica das edições antonianas consultar as resenhas de bibliografia antoniana publicadas regularmente por Luciano Bertazzo na revista *Il Santo* desde 1995, bem como a entrada relativa a «Antonius de Padua OFM» na secção «Autori e testi» do boletim bibliográfico *Medioevo latino* de Spoleto e desde 1998 publicado em Florença.

que a sua actividade estava ligada a Regensburg. De facto, os textos apócrifos ou de autor omisso abundam na literatura medieval, quer estejam associados a autores de primeiro plano ou a obscuros escritores, de tal forma que quanto mais “marginal” é o seu tema, mais o fenómeno cresce <sup>60</sup>.

De contornos mais difíceis de estabelecer, dada a sua abundância e multiplicidade de variantes, é o vasto continente da literatura anónima medieval. É de salientar que uma parte, embora pequena, dos manuscritos transmitem os sermões sem os atribuir a qualquer autor, mas cuja autoria foi identificada sem dificuldades pelos eruditos e estudiosos dos séculos mais recentes.

No caso de António ocorre também repetir que em alguns casos se reivindicava para este ou aquele manuscrito o epíteto de autógrafo (em especial o manuscrito Padova, BA, 720), para assim enriquecer o prestígio de relíquia do códice. Como, por vezes, alguns desses manuscritos continham obras de outros autores, ficava lançada a necessidade de atribuir a António esses textos que não lhe pertenciam. Esse é por exemplo o caso da Miscelânea existente no final do códice do Tesouro e que veremos de seguida. A maioria destes apócrifos ou florilégios antonianos são do período humanístico, ou pelo menos da época da imprensa. Algumas outras vezes não se trata de verdadeiros apócrifos, mas sim do resultado de conjectura de editores que, sem base crítica, lhe atribuem certas obras, na ânsia de divulgar novas e eruditas descobertas <sup>61</sup>.

## II.1. A miscelânea de sermões do códice do Tesouro

Para além dos *Sermões*, cuja autenticidade é hoje indubitável, alguns dos manuscritos atrás referidos transmitem textos de autoria discutível ou realmente pseudo-epígrafos. Um desses textos é a miscelânea com esquemas de

<sup>60</sup> Cfr. TRONCARELLI, Fabio, «L'attribuzione, il plagio, il falso», in G. CAVALLO, C. LEONARDI, E. MENESTO (dir.), *Lo spazio letterario del medioevo, 1. Il Medioevo latino. Vol. I: La produzione del testo*, t. 1 (pp. 373-390), Salerno Editrice, Roma 1992.

<sup>61</sup> Sobre a questão dos escritos de António, não conseguí consultar os estudos clássicos de: PALIC, P.: «Gli scritti di S. Antonio», in *S. Antonio Dottore della Chiesa. Atti delle settimane antoniane tenute a Roma e Padova nel 1946*, Città del Vaticano 1947, pp. 297-330; e PICCOLI, G., «Intorno alla autenticità degli scritti antoniani. Contributi paleografici linguistici», *Miscellanea Franciscana*, 52 (1952) 461-513.

sermões, alguns deles ainda muito elementares, que se encontram nos ff. 182ra-205vb do chamado códice do Tesouro, por durante século ter estado guardado entre as relíquias do santo (Padova, BA, 720). Como já foi referido, esse manuscrito contém nos ff. 1ra-181vb (excepto os ff. 141-148rb) um apógrafo do sermonário antoniano, o qual chegou a conter uma apostilha hoje perdida que indicava que havia sido escrito pela mão do autor, o que constituía um forte argumento para aceitar também a autenticidade da referida miscelânea, escrita pela mesma mão do resto do códice. Os eruditos sempre procuraram, mas até agora sem sucesso, os apontamentos que poderiam ter servido a António para a vívida pregação que arrastava e impressionava multidões e estes cadernos ofereciam precisamente o tipo de textos que poderiam fornecer pistas interessantes sobre essa hipótese. Numa breve frase da Introdução da edição crítica é prometido um próximo trabalho sobre esta miscelânea: «De questione proxime est dicturus P. L. Frasson»<sup>62</sup>. Mas, a morte do prelado franciscano viria a inviabilizar esse estudo, realizado na sua senda alguns anos mais tarde por investigadores do Centro studi antoniani de Pádua e recentemente publicado com a edição integral da *Miscelânea* que contém 103 textos, entre os quais 38 sermões<sup>63</sup>. A conclusão a reter é que os textos compilados terão tido origem no círculo antoniano de Pádua e datarão de alguns anos após a sua morte, mas neles não são citados os próprios *Sermões*. As afinidades de composição poderão relevar de algumas influência directa do sermonário António ou dos preceitos comuns colhidos das habituais *artes praedicandi* medievais. O autor ou autores destes textos permanecem incógnitos<sup>64</sup>.

<sup>62</sup> *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. XLII.

<sup>63</sup> FRASSON, Leonardo (†) — GAFFURI, Laura — PASSARIN, Cecilia: *In nome di Antonio: la «Miscellanea» del Codice del Tesoro (XIII in.) della Biblioteca Antoniana di Padova. Studio ed edizione critica*, Centro Studi Antoniani, Padova 1996 (também publicado, sem índices, em *Il Santo* 35, 1995, pp. 533-755).

<sup>64</sup> Sobre a questão ver também GAFFURI, Laura: «La “Miscellanea” del Codice del Tesoro (Ms. 720 XIII in.) della Biblioteca Antoniana di Padova», in *Congresso internazionale Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento ...*, op. cit., vol. I, pp. 395-403.

## II.2. Os textos pseudo-epígrafos

Se não há dúvidas quanto à autoria antoniana dos *Sermões dominicais e festivos*, a situação já é bem diferente quanto a obras que alguns manuscritos, a tradição, ou alguns eruditos, têm atribuído a António de Lisboa. De facto, os fenómenos de transferência de prestígio, podem estar na origem destas atribuições, que outras vezes podem ser explicadas por prosaicas deficiências dos processo de transmissão manuscrita dos textos, ou pela ousadia quase prosélita de alguns eruditos<sup>65</sup>. Em alguns casos, que não o de António, estas hetero-atribuições chegavam a ter como finalidade minar ou denegrir a própria credibilidade do autor imputado. Por outro lado, deve encarar-se como normal, dentro dos padrões medievais e mesmo renascentistas (onde se destaca a ausência de uma noção de autor e seus “direitos”), a atribuição a António de uma obra feita com base nos seus escritos, mesmo que para isso eles fossem muito deformados, alterados e acrescentados. A questão dos textos espúrios é complexa e para algumas das obras atribuídas a António foram realizadas investigações que nem sempre permitiram chegar a conclusões definitivas ou a um consenso dos investigadores.

Um bom resumo das discussões sobre a atribuição a S. António de obras duvidosas ou espúrias encontra-se também na introdução da edição crítica de Pádua<sup>66</sup>. Note-se desde já que quase todas as obras espúrias se restringem ao comentário bíblico e à formação espiritual, sendo uma boa parte delas do género sermonístico.

Vejamos em primeiro lugar as obras que são atribuídas por se inspirarem, ou retomarem, ou parafrasearem, ou mimetizarem o próprio estilo e pensamento de António. Em alguns casos perdeu-se o próprio texto, não restando senão o registo de ter existido algum manuscrito onde essa obra existiria. Por precaução metodológica convém afirmar que em alguns destes

<sup>65</sup> HOLTZ, Louis, «Autore, copista, anonimo», in CAVALLO, G — LEONARDI, C. — MENESTO, E. (ed.), *Lo spazio letterario...*, op. cit., pp. 325-351, em especial pp. 345-8.

<sup>66</sup> Vol. I, pp. XXXIII-XLV («De scriptis dubiis ac spuriis»). São muito incompletas e pouco claras, mesmo no que se refere aos apócrifos bíblicos, as listas apresentadas por F. STEGMÜLLER, *Repertorium biblicum medii aevi*, t. II: *Commenatria, Auctores A-G*. C.S.I.C., Madrid 1950 (reimp. 1981) pp. 119-124.

casos apenas a analogia com outras atribuições semelhantes fornece argumento para as rejeitar como obras ortónimas.

A *Interpretação mística da Sagrada Escritura* (**Expositio** vel **Interpretatio mystica in Sacram Scripturam**), obra de autor anónimo aparentemente coligida a partir dos sermões antonianos, provavelmente com base na edição impressa de Badius Ascensius, foi editada por João de la Haye entre os *Opera Omnia S. Antonii Paduani*<sup>67</sup>, com base num manuscrito de Mirecourt hoje desaparecido<sup>68</sup>. Nas pp. 580-584 desse volume encontra-se a interpretação do *Cântico dos cânticos*, também certamente apócrifa como o resto do texto<sup>69</sup>. Max Engammare nota, na sua monumental obra sobre os comentários renascentistas ao *Cântico dos cânticos*, que não encontrou qualquer traço das poucas páginas de comentário ao *Cântico* antes desta edição<sup>70</sup>. Não é improvável que a totalidade da *Interpretação* tenha sido composta nesta época sob inspiração dos restantes sermões antonianos. Um confronto entre os dois textos seria certamente esclarecedor a este propósito.

Também espúrias são as *Concordâncias da Sagrada Escritura para as festividades da Virgem Maria* (**Concordantiae Sacrae Scripturae pro festivitibus b. Virginis Mariae** ex s. Antonio Paduano), editadas por Pedro de Alva y Astorga<sup>71</sup>, que remete a re-compilação para as anteriores edições de Wadingo e De la Haye<sup>72</sup>.

<sup>67</sup> Cfr. pp. 464-656 da edição referida acima na n. 40.

<sup>68</sup> *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», pp. XXXVII-VIII. Cfr. Fr. STEGMÜLLER, *Repertorium biblicum Medii Aevi*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1950, t. II, obra referida sob dois números, sem que a repetição seja advertida; n.º 1381,1 (p. 119) e 1383-1416 (pp. 119-124), onde é dado o *incipit* e paginação da edição de De la Haye da interpretação de cada um dos livros da Bíblia; Klaus REINHARDT — Horacio SANTIAGO OTERO, *Biblioteca Bíblica Ibérica medieval* (Mediaevalia et humanistica, 1), Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1986, p. 104-5.

<sup>69</sup> Cfr. STEGMÜLLER, t. II, n.º 1405 (p. 123).

<sup>70</sup> ENGAMMARE, Max, «*Qu'il me baise des baisers de sa bouche*». *Le Cantique des Cantiques à la Renaissance. Étude et bibliographie* (Travaux d'humanisme et Renaissance, 277), Libr. Droz, Genève 1993, p. \*150. António é inserido no catálogo dos autores «absents».

<sup>71</sup> PETRUS DE ALVA Y ASTORGA, *Bibliotheca Virginalis sive Mariae mare magnum*, Madrid 1648, vol. III, pp. 582-587. Cfr. REINHARDT & SANTIAGO-OTERO, *Biblioteca...*, op. cit., p. 106.

<sup>72</sup> *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», pp. XXXVIII.

Também são muito posteriores a António uns *Sermões sobre os santos* (**Sermones de sanctis in communi**) e uns *Sermões sobre diversos temas* (**Sermones de diversis**) que se encontram nas pp. 400-462 da edição de Pagi dos *Sermões festivos* (ver acima a nota 43) e que são apresentados como compostos sob a sua autoridade<sup>73</sup>.

O *Comentário aos Salmos* (**Expositio** vel **Moralitates** vel **Sermones in Psalmos**), exarado sob a forma de sermões morais, foi várias vezes editado como de António com base em um manuscrito de Bolonha, que uma anotação em letra dos séculos XIV-XV considera ser o próprio manuscrito autógrafa de António<sup>74</sup>. Esta muito contestada atribuição foi rejeitada definitivamente desde os trabalhos de A. Callebaut, que identificou outros manuscritos onde a obra é atribuída àquele que hoje é considerado o seu verdadeiro autor: o cardeal João Algrin de Abbeville († 1237)<sup>75</sup>.

Num códice da Igreja de Forlì, hoje desconhecido, eram atribuídos a António uns *Escólios sobre a Bíblia Sagrada* (**Scholia in Sacram Bibliam**)<sup>76</sup>. O desejo de possuir testemunhos e relíquias do santo pode explicar esta tradição local segundo a qual o texto havia sido exarado no pergaminho pelo próprio cálamo do Santo.

Já as *Cartas* (**Epistolae duae**) atribuídas a António e publicadas em Lisboa em 1899 são seguramente apócrifas<sup>77</sup>.

Conhecem-se algumas *Orações* (**Orationes**) atribuídas ao santo e citadas em diversos textos dos séculos XIII-XV, mas a sua transmissão pertence à tradição oral<sup>78</sup>. Os sermões de António estão semeados de orações com

<sup>73</sup> *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», pp. XXXVIII-XXXIX.

<sup>74</sup> *Sancto Antonii Ulissiponensis, cognomento Patavini, Sermones in psalmos ex autografo nunc primum in lucem editi ... a fr. Antonio Maria Azzoguido ordinis minorum ... Bononiae, typis Laelii a Vulpe. ... MDCCLVII* [Bolonha 1757].

<sup>75</sup> *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», XL-XLI. Cfr. STEGMULLER, *Repertorium...*, op. cit., n.º 1417 que remete para Iohannes Halgrinus; REINHARDT & SANTIAGO-OTERO, *Biblioteca...*, op. cit., p. 105.

<sup>76</sup> *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. XLII. Cfr. REINHARDT & SANTIAGO-OTERO, *Biblioteca...*, op. cit., p. 106.

<sup>77</sup> NEVES, C. das, *O grande thaumaturgo de Portugal santo António de Lisboa...*, vol. II, pp. 151-158, Porto 1899. Cfr. *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. XLII, n. 140.

<sup>78</sup> Duas delas são editadas com base em manuscritos medievais, em *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. XLIII.



que é concluído cada *sermo* particular e cada sermão dominical termina precisamente com uma doxologia que tem a particular função retórica de recapitular todos os pontos doutriniais expostos ao longo do sermão<sup>79</sup>. Mas, as orações referidas atrás não são retiradas dos *Sermões* antonianos.

No prefácio da edição crítica de Pádua, que tenho vindo a citar, é, por fim, referido um manuscrito de Londres (British Museum, Add. 43682, do séc. XIV) que na capa antiga, hoje f. 1, tem a inscrição: «S Ant de Pad sermones». Os editores são lacónicos a propósito deste manuscrito, que tem merecido uma escassíssima atenção dos antonianistas, mas estes *Sermões festivos* (**Sermones festivi**), que nunca foram impressos entre as obras António, parecem ser atribuídos por erro do autor da referida nota manuscrita.

Mas, há obras que claramente são atribuídas a António por erro de copistas, ou por uma ou outra sugestão mais temerária, que não se acautela com a prudência própria da crítica rigorosa. Estas obras pertencem a outros autores, mas o facto de circularem anonimamente pode estar na origem da sua errada atribuição a António, com base em alguma afinidade doutrinal.

O *Sagrado comércio de São Francisco com a dona Pobreza* (**Sacrum commercium sancti Francisci cum domina Paupertate**), obra sobre cujo autor e tempo de composição se continua a discutir, está entre esses textos de atribuição deceptiva, embora seja um texto quase contemporâneo de António. Este texto muitas vezes copiado e editado é atribuído a António em dois dos manuscritos mais recentes (mss Dorsten, Bibli. Most. Franciscano, s.n.; Oxford, BL, Canonic. miscell. 525)<sup>80</sup>.

Os *Sermões para a quadragésima e de Tempore* (**Sermones quadragesimales et de Tempore**), atribuídos a António por Bartolomeu de Pisa, cerca de 1385, foram inúmeras vezes editados como de António, incluem sermões de Henrique de Montejardim O.F.M. (c. 1350), a quem a totalidade da obra

<sup>79</sup> Sobre a função retórica destas orações cfr. MEIRINHOS, J.F., «Da gnosiologia à moral. Pragmática da pregação em S.to António de Lisboa», *Mediaevalia. Textos e estudos* 2 (1992) 69-90, cfr. pp. 82-84; um quadro da distribuição de cláusulas e orações ao longo dos 77 sermões encontra-se em A.F. FRIAS, *Lettura ermeneutica dei "Sermones"*, op. cit., p. 166. Para um tratamento mais amplo ver: POLIONATO, Livio, *Le preghiere dei Sermones di S. Antonio di Padova: contenuti teologici e spirituali* (Dissertationes ad lauream, 74) Seraphicum. Pontificia Facultas Theologica S. Bonaventurae, Roma, 1989.

<sup>80</sup> *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. XXXIII.

deverá ser atribuída<sup>81</sup>. Estes sermões, que nada têm com os Sermões sobre a Quadragésima que fazem parte do sermonário antoniano, foram pela primeira vez publicados por Badius Ascensio em Paris em 1521<sup>82</sup>, reimpressos (por vezes com diferenças) por Raphael Maffei em 1574 e 1575, por Ioannes de la Haye em Paris 1641, por Francisco de Pérgula em Bolonha 1649<sup>83</sup> e em 1650<sup>84</sup>.

Os 36 *Sermões para as festas comuns dos santos (Sermones de sanctis in communi)*, duas vezes editados como de António<sup>85</sup>, parecem ser na maior parte de Pedro de Remis O.P., a quem J.B. Schneyer de facto os atribui no seu já referido *Repertorium*<sup>86</sup>.

As *Concordâncias morais das Sagrada Escrituras (Concordantiae morales Sacrorum Bibliorum)*, existem em inúmeros manuscritos, mas em nenhum são atribuídas a António, até à edição de Lucas Waddingo<sup>87</sup>, que usa um códice hoje perdido onde surge a atribuição «*sancti Antonii*». Divergem dos *Sermões* e o seu autor deverá ser um franciscano de meados do séc. XIII<sup>88</sup>.

<sup>81</sup> *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», pp. XXXIII-V.

<sup>82</sup> *Quadragesimales Sermones s. Antonii de Padua, cum duplici tabella, opera Iod. Badii repositi. Venundantur in eiusdem aedibus, cum gratia et privilegio in trienium, ut reliqui eiusdem divi Sermones*, Parisiis 1521.

<sup>83</sup> Sobre estas edições cfr. *Idem, ibidem*, «Introductio», p. XXXIV e respectivas notas.

<sup>84</sup> Esta edição vem assinalada e descrita na *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, ed. cit., pp. 661-663, embora sem notar que se trata de uma obra apócrifa.

<sup>85</sup> A primeira edição é do mesmo e incansável Badius Ascensius: *Sermonis de Sanctis s. Antonii a Padua, cum indice duplici. Venundantur Badio sub privilegio quo reliqui eiusdem Sermones, in trienium, ex anno Domini 1521*, em Paris. Esta edição também seria reimpressa por João de la Haye, cfr. pp. 417-463 da edição referida acima na n. 40.

<sup>86</sup> *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», pp. XXXV-VI.

<sup>87</sup> *S. Antoni de Padua Concordantiae morales Sacrorum Bibliorum, miro ingenio et optimo ordine dispositae ... Nunc primum extracta ex m. ss. Bibliothecae ff. Minorum Aracoeli in Capitolio et diligenter recognita cura et industria r.p.f. Lucae Waddingi Hyberni ... Romae, apud Alphonsum Ciacconum*, Roma 1624. Esta edição também seria reimpressa por João de la Haye, cfr. pp. 657-792 da edição referida acima na n. 40.

<sup>88</sup> *Idem, ibidem*, «Introductio», pp. XXXVI-VII; sobre as edições desta obra ver também *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, ed. cit., pp. 644-646. Cfr. STEGMULLER, t. II, n.º 1381,2 e 1382, onde, sem se advertir que se trata da mesma obra, é dada a lista de edições e manuscritos; REINHARDT & SANTIAGO-OTERO, *Biblioteca...*, op. cit., p. 105.

João de Santo António na sua *Bibliotheca universa franciscana* (vol. I, p. 7, Madrid 1732) diz que viu e leu na Biblioteca da Catedral de Sevilha um volume em pergaminho, manuscrito hoje desconhecido, com o *Incêndio do Amor (Incendium amoris)*, obra certamente apócrifa, mas aí atribuída a António «confessor de Pádua»<sup>89</sup>.

Também é infundado considerar como de António a famosa *Imitação de Cristo (Imitatio Christi)*<sup>90</sup>, obra que ao longo do tempo tem sido atribuída a grande número de autores diferentes, mas que a crítica actual tende a atribuir a Tomás de Kempis. O erro de atribuição a António de Lisboa, que deve provir de alguma confusão recente, assenta talvez no facto de uma tradução antiga para português ter sido realizada por frei António de Pádua e Belas, publicada pela primeira vez em 1791<sup>91</sup>.

\*

### António de Lisboa, escritor

Segundo as conclusões da mais rigorosa crítica, António apenas é autor dos *Sermões dominicais e festivos* e da *Tábua* acima referidos, cuja transmissão nos aparece claramente associada à ordem franciscana, a que António pertencia e onde os *Sermões* desempenharam algum papel doutrinal. A sua difusão pode em certa medida explicar-se também pelo valor de relíquia a que alguns manuscritos estiveram associados. A ser assim, o culto de que António é objecto e não apenas a doutrina dos *Sermões*, também explica a difusão da obra. A aparente coincidência entre a difusão do culto e a difusão dos *Sermões* (apesar de tudo esta é muito mais reduzida que aquele), mas cujos contornos é preciso estudar melhor, pode até certo ponto explicar a função de relíquia com que alguns manuscritos foram copiados e cuidados. Uma análise comparativa dos manuscritos dos *Sermões* ou de textos apócrifos que apresentam anotações atestando ter sido exarados pelo punho de António (cfr. ms. do Tesouro e os mss. perdidos de Bolonha e Forlì, cit. acima

<sup>89</sup> *Idem, ibidem*, «Introductio», p. XL.

<sup>90</sup> *S. Antonii, Sermones...*, op. cit., «Introductio», p. XLII.

<sup>91</sup> Esta tradução foi republicada numa colecção popular: TOMÁS DE KEMPIS, *Imitação de Cristo* (Livros RTP, 21), Ed. Verbo, Lisboa, s/d.

na p. 178), poderia trazer alguma luz sobre a importância das relíquias na difusão do texto.

Como vimos, o texto dos *Sermões* não surge com uma ordenação uniforme em todos os apógrafos e a maioria dos manuscritos apenas transcrevem uma parte do sermônario. Esta complexa transmissão dos *Sermões* torna ainda mais difícil determinar a influência que tenham exercido, directa ou indirectamente, sobre outros autores ou no interior dos próprios *studia* da ordem franciscana. O renovado interesse pelos *Sermões* de António a que assistimos já no período da imprensa, continua a existir quase exclusivamente nos meios franciscanos, ordem a que pertencem também os seus principais editores.

Embora nada saibamos quanto às tiragens das primeiras edições impressas, que em alguns casos até poderiam ser muito reduzidas, a multiplicação de cópias facilitada pela mecânica dos prelos, fará também crescer a atribuição de obras a António, que algumas vezes têm a aparência de paráfrases dos seus escritos, enquanto outras vezes resultam da pura contrafacção, ou do simples desejo de identificar certos textos com o prestígio do santo franciscano. É sintomático que estes escritos pertençam quase todos ao âmbito da sermonística ou do comentário bíblico, o que atesta como os leitores de várias épocas identificaram a natureza própria do *Sermões*. De facto, as obras apócrifas, de um ponto de vista temático relacionadas com as *Escrituras*, estão associadas ao apelo pastoral da formação moral e a uma aspiração mística, traços que podemos fácil e consistentemente sublinhar nos *Sermões* ortónimos. Como quer que seja, a existência desta soma de obras atribuídas a António de Lisboa mostram-nos o seu prestígio de escritor e de exegeta bíblico que, como vimos, alastrou inconsideradamente desde a primeira edição impressa dos sermões em 1520, fazendo crescer ainda mais a fama da sua arte de pregador, que de modo amplo praticou e teorizou nos *Sermones dominicales et festivi*.